

2

A Linguística Sistêmico- Funcional

Por causa da minha natureza simbólica eu preciso de significados. E nomear é justamente dar significado às coisas.

Adélia Prado (em entrevista a André Azevedo da Fonseca)

Este capítulo teórico tem como objetivo apresentar, a partir da Linguística Sistêmico-Funcional, os conceitos de linguagem e de língua, as noções de texto, de contexto, de gênero discursivo, de metafunções, bem como apresentar os sistemas de significação no nível da oração, e as possibilidades de análises além da oração. Assim, servem de base os estudos linguísticos de Halliday & Hasan (1989), Halliday (1994), Halliday & Mathiessen (2004), Eggins (1994, e também Eggins, 2004), e outros. Faço um panorama da teoria linguística que norteia esta tese, teoria esta que se constitui em um desenvolvimento da tradição funcionalista europeia de estudos linguísticos (Halliday, 1994).

A teoria de Halliday sobre a linguagem humana, assim como a gramática sistêmico-funcional, vem sendo desenvolvidas, revisadas e ampliadas nos últimos anos, e tem embasado propostas de análises discursivas que transcendem o nível oracional como, por exemplo, a de Martin & Rose (2003, também Martin & Rose, 2007), e a Gramática do Design Visual de Kress & van Leeuwen (1996). A primeira proposta aplica-se à análise de textos verbais numa perspectiva que considera o significado além do nível oracional. Utilizo as duas versões da proposta, a edição de 2003 e a de 2007, por serem complementares em alguns pontos. Já a Gramática do Design Visual, é utilizada para a análise de imagens e outros elementos não verbais presentes em alguns textos que fazem parte do *corpus* analisado.

Ambas as propostas assemelham-se não só por serem embasadas na teoria sistêmico-funcional, mas também pelos seus objetivos, ou seja, a análise do discurso social e culturalmente situado. Além disso, os autores apresentam, de maneira semelhante, sistemas discursivos ligados às metafunções, isto é, os tipos de significados construídos: ideacional, interpessoal e textual. Os sistemas discursivos são detalhados em categorias dos denominados recursos de significação, alguns deles descritos neste capítulo.

2.1. A concepção sociossemiótica da linguagem

A Linguística Sistêmico-Funcional considera a língua como um sistema no qual usuários fazem escolhas para a produção de significados (Neves, 2004), o que é uma ação social. A função primeira da linguagem é produzir significados, o que acontece a partir das escolhas dos usuários de uma língua ou outro sistema semiótico; e essas escolhas são influenciadas pelo contexto social imediato de uso da língua, e pelo contexto de cultura em que tais usuários estão inseridos.

A língua é considerada um sistema de significação (por isso, semiótico) que, juntamente com outros sistemas semióticos, constitui a cultura humana (Halliday, 1989). Ela é definida como natural, e não inventada, própria do ser humano, um modo de expressão verbal, em oposição a outras formas de expressão, tais como a música, a dança e outras manifestações artísticas (Halliday & Mathiessen, 2004). Enquanto sistema semiótico é, então, um conjunto finito de signos distintos, os quais, por sua vez, são a fusão de um conteúdo à sua expressão (Eggins, 1994), equivalente aos termos de Saussure, um significado e seu significante (Saussure, [1916] 1988). Esta soma de um conteúdo e sua expressão é arbitrária, mas o sistema semiótico constitui-se como tal no meio social.

Em síntese, Eggins (1994) evidencia quatro pontos teóricos importantes sobre a linguagem dentro da Linguística Sistêmico-Funcional, a saber: o uso da língua / linguagem é funcional; sua função primordial é produzir significados; esses significados são influenciados pelo contexto social e cultural de negociação; e o processo de uso da linguagem é semiótico.

Esta abordagem é funcionalista e ao mesmo tempo é sistêmica porque a produção de significado é fruto de escolhas não necessariamente conscientes dentro de uma rede de opções / sistemas, que é a própria língua (Halliday, 1994). Sendo a língua, então, essa rede de sistemas, dentro deles há um conjunto de alternativas possíveis numa relação paradigmática (“o que poderia ser ao invés de...”, segundo Halliday & Mathiessen, 2004, p.22)¹. Nos dizeres de Martin & Rose (2006, p.29), são os conjuntos de recursos para se produzir significados que constituem a língua e não necessariamente as regras de ordenação estrutural.

¹ *Structure is the syntagmatic ordering in language: patterns, or regularities, in what goes together with what. System, by contrast, is ordering on the other axis: patterns in what could do instead of what. This is the paradigmatic ordering of language.* (In. Halliday & Mathiessen , 2004, p.22).

Através das escolhas, são formadas as estruturas numa ordem sintagmática, que revelam o aspecto composicional da língua e seguem o princípio de ordenamento, ou seja, “o que vai junto com”² (Halliday & Mathiessen, 2004, p.22). Cada escolha feita implica em um determinado significado, que por sua vez está em oposição às outras escolhas possíveis e não concretizadas (Egins, 1994).

Assim, então, a língua constitui-se em um sistema semiótico, que pode ser percebida como que tendo diferentes estratos. No nível da expressão, há os aspectos fonéticos e fonológicos em se tratando de oralidade ou os grafológicos, considerando a língua escrita. O nível de conteúdo se divide em aspectos léxico-gramaticais e, num outro patamar, os aspectos semântico-discursivos. Além desses estratos da língua propriamente dita, há que se considerar o contexto social, que se subdivide em contexto de situação e em contexto cultural, tratados mais adiante. Uma possível ilustração da constituição da língua em estratos, baseada em Egins (1994, também Egins, 2004), é o quadro 1:

Quadro 1: Estratos da língua (Fonte: Egins, 2004, p.19 adaptado)

	Termos
Conteúdo	Semântica do discurso (Significados)
	Léxico-gramática (Palavras e estruturas)
Expressão	Fonologia / grafologia (Sons / letras)

As setas indicam que os significados são realizados pelas palavras e estruturas linguísticas, que por sua vez são expressas pelos sons ou as letras. Em termos técnicos, os significados produzidos no discurso são realizados na léxico-gramática, que por sua vez é codificada pelas características fonético-fonológicas ou grafológicas da língua. Trata-se do conceito de realização, explicado por Egins (1994) como codificação, ou a relação entre o conteúdo e a sua expressão. Porém, este movimento é de duplo sentido, ou seja, os padrões fonológicos são reinterpretados no nível da léxico-gramática, e padrões deste estrato são também reinterpretados no nível da semântica do discurso (Martin & Rose, 2006). Assim, um estrato constrói, é construído por, reconstrói, e é reconstruído em todos os níveis, nos termos de Martin & Rose (2006, p.39).

² Ver nota 1.

2.2. A definição de texto

A Linguística Sistêmico-Funcional ocupa-se com o estudo da língua em uso real, e o texto – oral ou escrito - é considerado a unidade maior de funcionamento linguístico, e o que se procura observar é a “construção de seu sentido” (Neves, 2004, p.63).

O texto é uma unidade de significado em que são usados recursos semióticos, sejam linguísticos e/ou não linguísticos. Ele é definido como um exemplar de língua que faz sentido a uma pessoa que a conhece, um fenômeno gramatical, multifacetado, que pode ser duradouro ou efêmero, específico de um determinado momento ou algo mais trivial, possível de ser memorizado ou facilmente esquecido (Halliday, 1994; também Halliday & Mathiessen, 2004). Kress & van Leuween (1996), ao tratarem da comunicação visual, dizem que a formação de textos abrange a linguagem verbal, imagens e outros recursos gráficos, e ainda gestos, expressões faciais, o que caracteriza a multimodalidade. Neste estudo, adoto essa abrangência, e considero que textos em geral são multimodais (Kress, 2000), pois neles há sempre mais de uma modalidade de comunicação e expressão, embora uma possa predominar sobre outras.

Neste trabalho, analiso aspectos não linguísticos dos textos escritos pelos produtores de livros didáticos, ou seja, imagens, principalmente, e recursos visuais relacionados à composição de textos multimodais (organização de informações, enquadramento e saliência), porque parecem relevantes na construção de significados e conseqüentemente das representações do livro didático de inglês. Os aspectos não verbais relacionados às falas dos professores (entrevistas) não são considerados, pois demandariam a utilização de recursos de filmagem, e poderia dificultar a espontaneidade dos docentes entrevistados. Quanto aos questionários respondidos pelos alunos, não houve uso de recursos de significação visual.

Ao focar o texto como unidade de significados, a Linguística Sistêmico-Funcional tenta encontrar informações relativas a o que e como se mostra nele e por ele, o que se faz com o texto, como se faz, e qual o valor dessas ações e do texto em si. E é isso o que procuro fazer nesta tese ao analisar textos sobre o livro didático de inglês para se chegar às representações construídas na sociedade sobre este material de ensino. Enquanto instrumento, por outro lado, um texto pode revelar informações sobre a língua e seu funcionamento.

Texto, então, é tanto um produto quanto um processo. Enquanto produto autêntico da interação social (Eggins, 2004, p.23), ele é resultado, pode ser gravado, impresso. Uma vez registrado, pode ser estudado e tem uma estrutura que torna possível sua análise em termos sistêmicos (Halliday, 1989). Como processo, o texto é um contínuo de escolhas semânticas que ali se realizam ou materializam-se, uma movimentação através de redes de significação possíveis, e também uma troca social de significados, pois é um evento de interação (Halliday, 1989).

Enquanto produto e processo, o texto apresenta uma unidade de estrutura (Hasan, 1989; Eggins, 2004), e é pelo fato de ser e ter um todo unificado, que um texto se constitui como tal. A estrutura textual refere-se à forma global da mensagem, aos elementos ou eventos constituintes de um texto e à ordenação destes. É isso que faz um texto ser um exemplar de um gênero discursivo, o que será mostrado mais adiante ainda neste capítulo.

Halliday (1989) explica que o texto é construído de significados, e por isso é uma unidade semântica. Portanto, é no nível da semântica do discurso (ver quadro 1) que ele deve ser estudado, isto é, que devem ser compreendidas as relações de significado construídas num texto (Eggins, 2004). É o que propõem Martin & Rose (2003, e também Martin & Rose, 2007) com relação ao estudo do discurso, que implica em análise textual além do nível da sentença. É ainda o que apresento nesta tese nos capítulos 6 e 7 de análise do discurso de produtores e usuários de livros didáticos de inglês.

Como é premissa da Linguística Sistêmico-Funcional a existência de uma relação entre o uso da língua e o ambiente social em que ela é usada, é necessário considerar esse ambiente no estudo do texto enquanto processo e produto (Halliday, 1989). Considerando, então, a organização funcional da língua, há a possibilidade de se chegar ao contexto pelo texto e ao texto pelo contexto. As seções seguintes tratam dessa organização funcional, e das noções de contexto de situação e de cultura na perspectiva sistêmico-funcional.

2.3. As metafunções

A Linguística Sistêmico-Funcional considera o termo “funções” um sinônimo de uso da língua. Paraphrasing Halliday (1989), as funções são as

maneiras como as pessoas usam a língua. Em geral, como diz o autor, as pessoas fazem coisas diferentes com a língua, com o intuito de alcançarem objetivos diferentes, e propósitos variados através da fala, da escrita, da audição ou da leitura.

Sendo a função primeira da linguagem a produção de significados, três variações desta, ou metafunções, são consideradas: falar de experiências externas e internas do indivíduo - metafunção ideacional; estabelecer relações com outras pessoas no meio social - metafunção interpessoal; e organizar a mensagem para com ela construir sentidos - metafunção textual (Magalhães, 2006). Segundo Neves (2004) (também Halliday ([1994], 2007, p. 321), as metafunções ideacional e interpessoal denotam os propósitos gerais de todos os usos da linguagem, a saber, entender o ambiente / contexto e interagir com outras pessoas. A metafunção textual, por sua vez, realça esses propósitos e os torna possíveis de serem realizados, isto é, os torna discurso.

A metafunção ideacional se constitui no uso da língua para expressar a experiência externa e interna dos seus usuários, e nisto estão envolvidos participantes, processos, e circunstâncias. Construir a experiência humana através do uso da língua implica em nomear e registrar processos, nomear, caracterizar e categorizar seres participantes desses processos, e identificar as circunstâncias em que acontecem os processos (Halliday & Mathiessen, 2004).

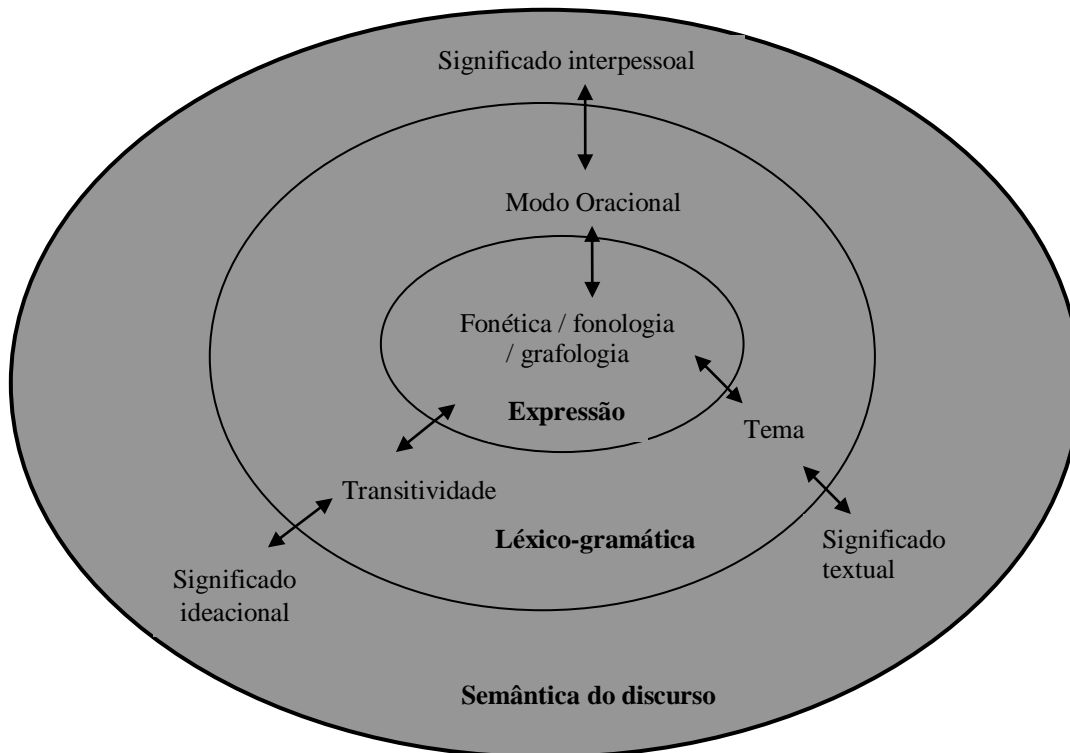
Em termos interpessoais, o uso da língua revela as relações humanas construídas na interação; o papel do falante é definido em relação ao seu interlocutor e em sintonia com o que é comunicado e negociado em termos de sentidos (Halliday & Mathiessen, 2004).

Por sua vez, a metafunção textual enfatiza a construção e a organização do texto, ou seja, as sequências discursivas, o fluxo da informação, a coesão (Halliday & Mathiessen, 2004).

Embora pareçam coisas muito distintas, não são estanques. Acontecem juntas a um só tempo. Usar a língua implica em produção de significados ideacionais, interpessoais, e textuais em conjunto no nível semântico-discursivo, e esses significados serão realizados no nível léxico-gramatical através de sistemas de significação, tratados mais adiante neste capítulo, e materializados no nível da expressão através dos aspectos fonético-fonológicos ou grafológicos. Porém, o tratamento dos significados ideacionais, interpessoais e textuais em separado

ocorre por questões didáticas e/ou pode também ser justificado pelo foco específico de determinada pesquisa. A figura 2, a seguir, com base em Eggins (1994), Halliday (1994), e outros estudiosos da Linguística Sistemico-Funcional, ilustra o que foi aqui apresentado.

Figura 2: Relação dos significados e estratos da língua (Fontes: Halliday, 1994; Eggins, 1994; Halliday & Mathiessen, 2004)



A figura mostra a relação dos estratos da língua, os significados produzidos no âmbito discursivo e os sistemas de significação. As setas duplas indicam o processo de realização que, como foi dito anteriormente, acontece em todos os níveis / estratos, em sentido duplo.

2.4. O contexto de situação ou de registro

Halliday parte do conceito de contexto de situação cunhado por Malinowsky (1923, apud Halliday, 1989) para assumir que os textos acontecem em ambientes sociais, e que há um relacionamento estreito entre esse ambiente social e a organização funcional da língua, e conseqüentemente, nos significados produzidos. Por isso, é possível dizer que o contexto de situação (esse ambiente)

em que acontece uma interação fornece aos seus participantes uma gama de informações a respeito dos significados ali construídos e negociados. Ao mesmo tempo, os significados construídos na interação podem fornecer informação a respeito do contexto de situação, também denominado contexto de registro (Halliday & Hasan, 1989; Martin, 1997, Eggins, 1994).

Mas, na Linguística Sistêmico-Funcional considera-se que o contexto social é estratificado, dividindo-se em contexto de registro ou de situação (aqui descrito), e contexto de cultura, o qual está num nível maior de abstração (Martin, 1997, por exemplo). Essa estratificação também é importante para o entendimento da definição de gênero discursivo de acordo com a Linguística Sistêmico-Funcional, a ser exposta mais adiante. Isso significa que, além desse ambiente em que se insere um texto – o contexto de situação ou registro, nas trocas linguísticas há histórias culturais dos participantes envolvidos, e dos tipos de práticas em que eles se engajam, as quais determinam a significância do texto ou da interação para a cultura.

As variáveis constituintes e caracterizadoras do contexto de situação ou de registro são campo, relações e modo, aqui descritas com base em Hasan (1989, in Halliday & Hasan, 1989):

- campo: natureza da atividade social, incluindo os tipos das ações, seus participantes e circunstâncias;
- relações entre os participantes, referindo-se mais especificamente à hierarquia entre eles, aos papéis que eles assumem, à distância social entre eles;
- modo: o papel da linguagem na interação, se ela constitui a interação ou é instrumento para que esta aconteça; se o texto é construído em conjunto pelos interlocutores (no caso de interação oral) ou não (no caso de textos escritos); o canal de comunicação (áudio - oral, escrito, gráfico-visual); e o meio em que o texto é veiculado (meio oral ou escrito, ou ainda se ele é escrito para ser falado).

As variáveis do contexto de situação estão relacionadas com as três metafunções da linguagem (Martin, 1997; Eggins & Martin, 1996). Assim, a metafunção ideacional está voltada para o campo, a metafunção interpessoal é ligada às relações, e a metafunção textual relaciona-se com o modo. A figura 3 apresentada na próxima seção ilustra também a relação entre as variáveis de registro e os significados produzidos através da linguagem / língua.

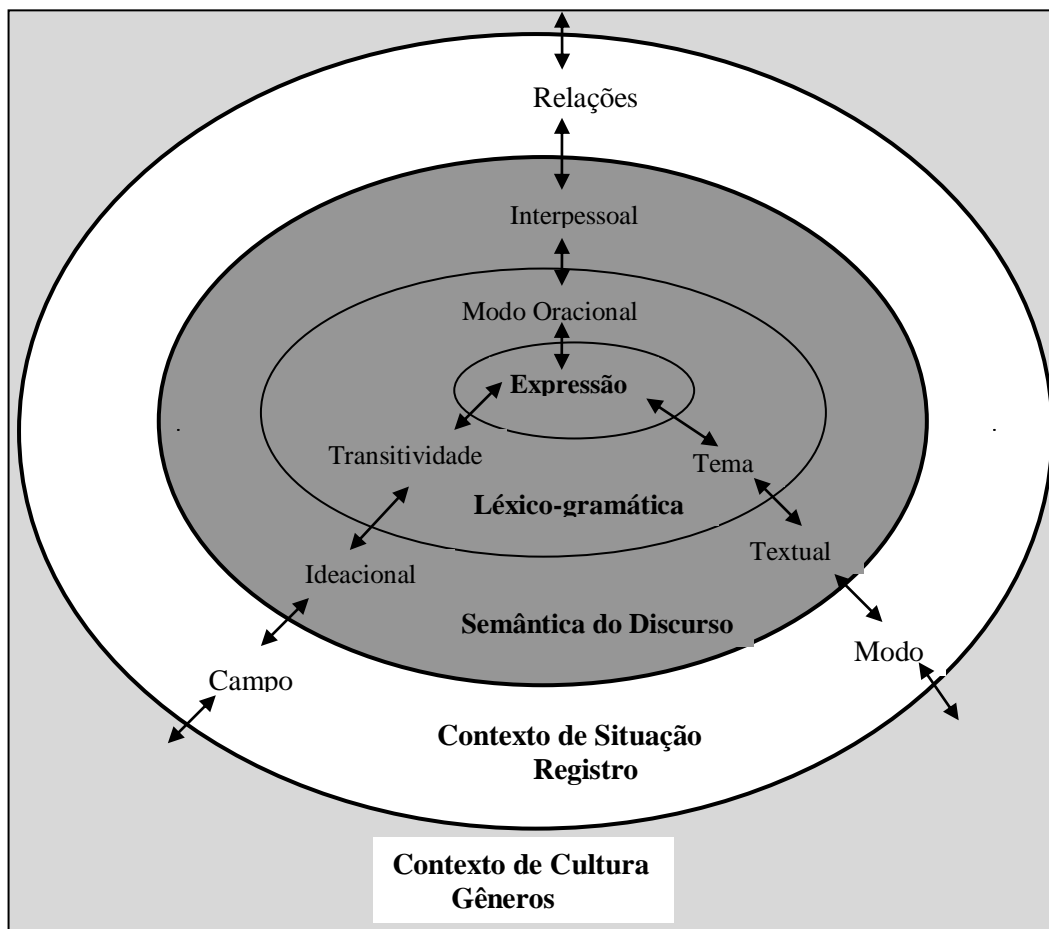
2.5. Contexto de cultura

Cultura é definida por Halliday (1989, in Halliday & Hasan, 1989) como o conjunto de sistemas de significação que se inter-relacionam. A língua é um desses sistemas e através dela textos são produzidos na interação entre os membros de uma cultura (Martin & Rose, 2003). Neste trabalho, assumo como Martin & Rose (2003, também Martin & Rose, 2007; e Martin & Rose, 2006), que é possível através de um texto, interpretar a cultura, ou seja, textos podem evidenciar aspectos do contexto cultural em que são produzidos. Por isso, ao investigar as representações construídas sobre o livro didático de inglês neste estudo, o que tento fazer é um mapeamento (Martin & Rose, 2006) de parte da cultura educacional (Halliday [1991], 2007) no que se refere ao livro didático de inglês. Isso acontece, nesta tese, através da análise da materialidade verbal e não verbal presentes nos textos exemplares de gêneros discursivos produzidos sobre tal material.

O contexto de cultura é caracterizado na Linguística Sistêmico-Funcional como sendo mais amplo que o contexto de situação ou de registro. Enquanto este é o contexto imediato em que um texto é produzido, o contexto de cultura refere-se à atividade social e à interpretação do uso da língua pelos seus usuários de maneira a fazer sentido numa cultura (Eggins, 1994). Ele é um conjunto compartilhado de contextos de situação, um “sistema de experiências com significados compartilhados” e resulta “da padronização do discurso em termos e atos retóricos ou atos de fala realizados por meio da linguagem em circunstâncias específicas, com características retóricas recorrentes” (Motta-Roth & Heberle, 2005, p. 15). A figura 3 mostra a relação entre os contextos de situação, contexto de cultura e língua.

Esta figura foi elaborada com base em Halliday (1994), Eggins (1994), Eggins (2004), e mostra a língua (em cinza escuro) composta pelos estratos da expressão, da léxico-gramática e da semântica do discurso. Nela, significados ideacionais, interpessoais e textuais são realizados através dos sistemas Transitividade, Modo Oracional, e Tema, respectivamente. O uso da língua acontece no contexto social, dividido em contexto de situação e contexto de cultura. O primeiro compõe-se e é caracterizado pelas variáveis campo, relações e modo, diretamente relacionadas às metafunções.

Figura 3: Relação dos contextos de cultura e de situação com a língua. Fonte: Halliday (1994), Eggins (1994), Eggins (2004).



PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812833/CA

A figura também sugere que mudanças numa cultura implicam diferenças no contexto de situação, e isso se reflete no uso da língua. Mudanças no contexto de cultura significam mudanças nas atividades humanas, o que pode levar a novos gêneros discursivos, e novos textos surgirão. Mas, o movimento oposto também é possível, como indicam as setas duplas na figura, ou seja, o surgimento de novos textos implica em novas formas de uso da língua, que por sua vez leva a mudanças no contexto de situação e, de modo mais amplo, na cultura (Martin, 1997).

Este é o caráter processual do sistema, ou seja, a maneira como as manifestações interferem no sistema originário e o reconstroem (Martin, 1997), pois, conforme explicado por Halliday & Mathiessen (2004) o sistema da língua é “exemplificado ou manifestado” (do inglês *instantiated*) na forma de texto, e os textos variam sistematicamente de acordo com a natureza do contexto.

Isto está relacionado ao que diz Bakhtin (2003, p.266) com relação ao fato de que os gêneros discursivos produzidos numa cultura estão relacionados às diferentes atividades. Segundo este autor:

Uma determinada função (científica, técnica, publicística, oficial, cotidiana) e determinadas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados gêneros, isto é, determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos, e composicionais relativamente estáveis. (Bakhtin, 2003, p.266)

Em outras palavras, sendo produzidos no contexto de cultura, gêneros discursivos surgem ou se modificam dependendo das atividades sociais ocorridas naquele contexto. Assim, na cultura educacional (Halliday [1991], 2007), há as atividades de anunciar e apresentar materiais didáticos (no caso aqui, o livro didático de inglês), o que é próprio de quem os produz (autores e editores, principalmente), o que gera os gêneros anúncios de catálogos, quartas capas e apresentações em manuais do professor. Estes textos serão lidos pelos professores, pois conhecer esses materiais faz parte da sua atividade de lecionar. Se adotados, os livros serão usados pelos docentes para ensinar e pelos alunos para estudarem – esta, uma atividade própria deles. O professor pode conversar com outros colegas, ou até serem entrevistados por pesquisadores sobre o livro (como é o caso da pesquisa aqui relatada), e os alunos ainda podem falar sobre esse livro em atividades como essa, ou respondendo questionários escritos (o que ocorre também nesta tese). Assim, pode-se pensar, como Martin & Rose (2006), que a cultura é um sistema de gêneros, pois eles são, em última instância, o que fazemos com a linguagem para atingir objetivos.

Finalmente, acima do contexto de cultura está a ideologia. Neste nível ocorre a distribuição dos recursos discursivos numa cultura e nele se percebe como os sujeitos sociais constroem ocasiões sociais, como eles se posicionam numa cultura. A ideologia está relacionada aos sistemas que podem orientar o acesso ao poder e ao controle, ou seja, gênero (masculino ou feminino), etnia, classe, geração, capacidade (Martin, 1997; Martin & Rose, 2006). Assim, Martin & Rose (2006, p. 26) explicam:

(...) usamos geração para nos referir às diferenças associadas com maturidade; (o termo) gênero encampa diferenças baseadas em sexo e sexualidade; etnia está relacionada com o racial, a religião e outras divisões ‘culturais’; capacidade refere-se às habilidades e incapacidades de vários tipos; e (a noção de) classe é baseada na distribuição de recursos materiais, sendo esta considerada a dimensão mais

fundamental, pois é na divisão que a ordem econômica pós-colonial se assenta em última instância.³

Na Linguística Sistêmico-Funcional, é consenso que o uso da língua / linguagem é influenciado por questões ideológicas e pelos valores que são mantidos ideologicamente. Assim, nenhum texto é livre de ideologia e de contexto (Eggins, 1994), pois como defendem Martin & Rose (2003), ideologia e poder manifestam-se sempre em conjunto com a língua e a cultura, posicionando as pessoas em cada contexto social com mais ou menos poder, definindo também o acesso amplo ou restrito dessas pessoas aos recursos de significação.

2.6. A definição de gêneros discursivos

É no contexto de cultura que os gêneros são produzidos de acordo com os adeptos da Linguística Sistêmico-Funcional. Na perspectiva adotada nesta tese, o gênero é uma atividade social organizada em estágios, com propósitos, orientada a um ou mais objetivos, na qual as pessoas se engajam como membros de uma cultura de modo a organizarem suas vidas (Eggins, 1994; Martin, 1997). De maneira menos técnica, Martin (1985, apud Eggins, 1994) diz que o gênero é como as coisas são feitas quando a língua é usada para realizá-las. A premissa dessa noção é que:

estudar como as pessoas usam a língua nos força a reconhecer, primeiro, que o comportamento linguístico é orientado a objetivos (só podemos construir significados de uma fala se assumimos que ela tem propósitos); e, segundo, que o comportamento linguístico acontece dentro de uma situação e de uma cultura, em relação a o que pode ser avaliado como apropriado ou não (Eggins, 1994, p.29).⁴

Este conceito sugere que um gênero se desdobra em estágios de realização de um propósito comunicativo a partir de formas distintas, organizando-se, então, por estágios ou passos (Eggins & Martin, 1996). Esta organização se configura como uma relação probabilística e não uma relação determinística que permite

³ *We use generation to refer to inequalities associated with maturation; gender covers sex and sexuality based difference; ethnicity is concerned with racial, religious and other 'cultural' divisions; capacity refers to abilities and disabilities of various kinds; class is based on the distribution of material resources and is arguably the most fundamental dimension since it is the division on which our post-colonial economic order ultimately depends.* (Martin & Rose, 2006, p. 26)

⁴ *... studying how people use language forces us to recognize, first, that linguistic behavior is goal oriented (we can only make sense of talk if we assume it to be purposeful); and , second, that linguistic behavior takes place within both a situation and a culture, in relation to which it can be evaluated as appropriate or inappropriate.* (Eggins, 1994, p.29)

afirmações e previsões sobre a estrutura de textos e, conseqüentemente, sobre a estrutura potencial do gênero defendida por Hasan (1989), também Motta-Roth & Heberle (2005).

Para Hasan (1989), uma estrutura genérica molda a forma global da mensagem. Tal estrutura compõe-se de elementos obrigatórios e opcionais, que são os estágios ordenados, podendo haver aglutinação e ou repetição de alguns deles. E isto se assemelha à ideia de Bakhtin (2003) de que gêneros são tipos relativamente estáveis de enunciados de um campo específico da atividade humana e, conseqüentemente, de utilização da língua. É por causa dessa relativa estabilidade que se pode pensar, como Hasan, numa estrutura potencial de gêneros a qual prevê elementos obrigatórios (ideia de estabilidade) e opcionais (ideia de relatividade). Para se prever esses elementos e descrever um gênero discursivo, Hasan (1989) sugere que se atente para quais elementos devem e/ou podem ocorrer no gênero, como eles devem e/ou podem ocorrer, e com que frequência.

Em síntese, a estrutura potencial generaliza o escopo de possibilidades de estágios associados a um gênero em particular, segundo Hasan (apud Eggins & Martin, 1996). Através disso, os usuários de uma língua podem reconhecer um gênero. Assim, quando se ouve alguém ou se lê um texto escrito, já se advinha uma possível extensão, uma determinada construção composicional, e tem-se uma sensação de conjunto do discurso (Bakhtin, 2003), pois o gênero discursivo, como forma enunciativa estável, é dependente do contexto e da cultura além dos elementos linguísticos (Machado, 2005).

Neste estudo, defendo que cada gênero discursivo possui unidades / elementos mais típicos e menos típicos, e também que nem todos os elementos estarão presentes em todos os exemplares de um gênero, ou numa mesma ordem. A presença ou ausência de certos elementos da estrutura de um gênero discursivo pode ser observada, por exemplo, com os anúncios de livros didáticos em catálogos de editoras e em outros gêneros descritos mais adiante. Nos catálogos analisados encontrei textos de anúncios longos (alguns com até duas páginas) e outros menores (o que não é o caso dos anúncios analisados nesta tese). Nestes, há menos elementos da estrutura, mas alguns essenciais não deixam de acontecer, como por exemplo, a apresentação com o título, os nomes dos autores e uma breve caracterização da coleção, e a legitimação, com números de ISBN dos componentes.

Como já foi dito, o uso das formas linguísticas é moldado pelas características do contexto de situação e estas formam a configuração contextual do gênero (Hasan, 1989). Assim, há uma relação mútua denominada instanciação (Martin, 1997), e como dizem Eggins & Martin (1996, p. 232), “cada texto carrega consigo algumas influências do contexto em que foi produzido”, e o contexto “entra no texto através da influência que exerce nas palavras e estruturas usadas pelos produtores”.⁵

A correlação direta entre as metafunções da linguagem e as variáveis do contexto de registro mostra que os significados são construídos e realizados de maneira que uma modificação num nível afetará todos os outros, isto é, que “escolhas no nível do contexto de cultura (gênero) refletir-se-ão nas escolhas no nível situacional (registro); tais escolhas, por sua vez, serão materializadas pela linguagem, uma vez que gênero e registro são conceitos abstratos” (Vian Jr & Lima-Lopes, 2005, p.35). O registro, então, é o ponto de partida para estudo de um gênero, pois é ele que traz elementos específicos da situação em que determinado gênero ocorre. Afinal, como afirma Bakhtin (2003; e também Rodrigues, 2005), um gênero está mais ligado a uma situação social de interação que o constitui do que às suas propriedades formais.

2.7. A Gramática proposta na Linguística Sistêmico-Funcional

A Linguística Sistêmico-Funcional é o escopo teórico da gramática funcional do inglês desenvolvida por Halliday: *An Introduction to Functional Grammar*. Ela foi editada primeiramente em 1985 e re-editada em 1994 e em 2004⁶. Na sua terceira edição, contou com a contribuição e com a revisão de Christian Mathiessen. Nesta gramática, a partir de textos, analisa-se o uso da língua inglesa delineando sistemas de significação ideacionais, interpessoais e textuais no nível oracional, e também abaixo, acima e além da oração. Outras gramáticas do mesmo estilo tem sido desenvolvidas em outras línguas conforme registram Martin & Rose (2006, p.38). Estes autores dizem que nestas gramáticas

⁵ ...each text appears to carry with it some influences from the context in which it was produced. Context, we could say, gets 'into' text by influencing the words and structures that text-producers use. (Eggins & Martin, 1996, p. 232)

⁶ Nesta tese, são usadas a 2ª e a 3ª edições, respectivamente de 1994 e de 2004.

propõe-se uma análise interpretativa, menos abstrata que o foco dado à semântica e à pragmática em modelos formais.

A gramática apresentada por Halliday é funcional e, tendo em mente o uso da língua em contexto, o autor propõe a interpretação do sistema linguístico e dos elementos das estruturas linguísticas, enfatizando a oração. Assim ele explica:

Isto é porque o modo de interpretação adotado aqui é funcional, no qual a estrutura gramatical está sendo explicada com referência ao significado; e há um princípio geral na língua pelo qual são as unidades maiores que funcionam mais diretamente na realização de padrões de níveis mais altos. (...) se queremos explorar como características semânticas são representadas na gramática [de uma língua] nós atentamos primeiramente para a estrutura da oração, e o que está acima ou ao seu redor; e somente então (...) continuamos a considerar unidades gramaticais menores (Halliday, 1994, p.19).⁷

A análise léxico-gramatical implica na identificação de unidades de significação, e sequências ou combinações em que elas ocorrem de modo a formarem orações reconhecidas como possíveis pelos usuários de uma língua – a os princípios de unidade e constituição (Eggins, 1994). São as relações estabelecidas entre os elementos constituintes de uma oração, e também as relações estabelecidas entre as orações de um texto, e delas com o contexto que promovem a coerência e a coesão da mensagem. A coerência refere-se às relações das orações ou das sentenças com os contextos de registro e de cultura, e a coesão diz respeito às relações entre as orações no interior do texto.

A estrutura da oração engloba os três tipos de significados já mencionados anteriormente neste capítulo - o ideacional, o interpessoal, e o textual – e para cada um destes há uma configuração em particular. Assim, a oração é vista na Linguística Sistêmico-Funcional sob três perspectivas: (a) a oração como modelador da experiência, construto de processos da vivência humana que implicam participantes ativos ou não; (b) a oração como troca, uma transação entre os interlocutores, em que há um elemento responsável pela validade do que se diz (o Sujeito); e (c) a oração como mensagem, um todo de informações em que um elemento é selecionado como Tema, ou ponto de partida da mensagem (Halliday, 1994; Halliday & Mathiessen, 2004; Eggins, 2004). Através dos

⁷ *This is because the mode of interpretation adopted here is a functional one, in which the grammatical structure is being explained by reference to the meaning; and there is a general principle in language whereby it is the larger units that function more directly in the realization of higher level patterns.(...) if we want to explore how semantic features are represented in the grammar we look primarily at the structure of the clause, and at what is above and around it; and only then (...) do we go on to consider smaller grammatical units.* (Halliday, 1994, p.19)

sistemas de significação de Transitividade, Modo Oracional, e Tema e Rema, respectivamente, as configurações são materializadas.

Esses sistemas de significação (explicados adiante) norteiam as propostas de análise discursiva consideradas e descritas neste trabalho: a consideração do significado além da sentença de Martin & Rose (2003, também Martin & Rose, 2007), e a Gramática do Design Visual (Kress & van Leeuwen, 1996). Não seria impossível entendê-las sem o conhecimento destes sistemas, mas o entendimento certamente não seria completo e não permitiria aprofundamentos, ou até mesmo revisão de categorias e conceitos.

Nesta perspectiva, textos devem ser analisados gramaticalmente, e posteriormente comentados, e dessa forma deve ser fundamentada a análise do discurso. Sem se considerar a gramática de uma língua, a análise discursiva não passa de um comentário do texto com apelo a questões não linguísticas (Halliday, 1994).

Esta é também a posição que assumo nesta tese. As representações de livros didáticos de inglês apresentadas nos capítulos 6 e 7 são decorrentes da análise da materialidade verbal dos textos que compõem o *corpus*, bem como elementos não verbais essenciais em alguns dos gêneros considerados. A partir dessa materialidade pude perceber os múltiplos significados ideacionais, interpessoais e textuais que contribuem conjuntamente para a construção das representações.

Portanto, com base na Linguística Sistêmico-Funcional, este trabalho mostra que a gramática de uma língua é a sua unidade de processamento, o lugar em que significados são criados (Halliday & Mathiessen, 2004). É a partir do estrato da léxico-gramática que se pode entender significados semântico-discursivos, como fazem Martin & Rose (2003, também Martin & Rose, 2007), e também foi com base nesses sistemas léxico-gramaticais que Kress & van Leeuwen (1996) propuseram a Gramática do Design Visual. Assim sendo, é necessário descrevê-los ainda que brevemente.

2.7.1. Sistemas de significação no âmbito da oração

a. Ideacional – construção das experiências

A língua capacita o ser humano a modelar as experiências internas e externas a si na realidade que o circunda, de modo a atribuir sentido ao que

acontece dentro de si e ao seu redor. Para que isso se realize, são utilizados recursos de significação ideacionais, que no entendimento de Martin & Rose (2006, p.32), permitem expressar o que está acontecendo, quem faz o que a quem, onde, quando, porque e como. Isso se realiza na língua através de significados experienciais no nível da oração (tratados aqui), e de significados lógicos estabelecidos entre as orações (não considerados nesta tese). O significado experiencial é realizado no nível oracional através do sistema de transitividade (Eggins, 2004; Halliday, 1994; Halliday & Mathiessen, 2004). Pela transitividade, o mundo das experiências é construído através da expressão de processos – o elemento mais central desta configuração (Martin & Rose, 2007). Há também os participantes, cujas naturezas variam de acordo com os processos em que estiverem envolvidos, e as circunstâncias, as quais não variam de acordo com o processo, nem estão ligados a ele diretamente, mas estão numa posição mais periférica (Martin & Rose, 2007).

Halliday (1994) considera que através dos sistemas de significação ideacionais são construídas representações da experiência vivenciada. Nesta perspectiva, a língua permite a construção de uma figura mental da realidade interna e externa ao indivíduo. Para este autor, a realidade é composta de processos que determinam as funções dos participantes, em circunstâncias diversas.

Embora esta visão de representação encerre uma percepção de construção social da realidade (Berger & Luckmann, 2009), neste estudo considero representações como algo além do conteúdo, e também além do âmbito ideacional. Penso, e tento mostrar, que recursos de significação interpessoais e textuais também contribuem para a construção de representações (pelo menos no caso dos livros didáticos de inglês). Não desconsidero, com isso, a relação representação⁸ – língua – conteúdo, mas se há uma relação das representações com a língua, isso implica em levar em conta também as relações estabelecidas entre interlocutores nos textos, e a organização textual, tentando ser coerente com os pressupostos e a noção de língua da Linguística Sistêmico-Funcional. Afinal, a

⁸ Nesta tese, conforme explicado no capítulo 3, representações são conhecimentos construídos no cotidiano, e interferem nos pensamentos e nas ações (daí no uso da língua também, pois ele é uma forma de ação social).

construção de significados ocorre através das metafunções ideacional, interpessoal, e textual em conjunto.

A seguir, descrevo e apresento exemplos⁹ dos diferentes processos e as configurações de participantes a eles relacionados, com base em Halliday (1994), Halliday & Mathiessen (2004), e Eggins (2004).

- **Processos materiais:** são os processos relacionados às ações concretas e tangíveis (Eggins, 2004). Semanticamente, os processos materiais implicam que alguma entidade faça algo ou sofra algum ato. Isto requer necessariamente um participante Ator – feitor desse ato, não precisamente ser humano, e ainda (mas não necessariamente) um participante Meta – a que ou quem as ações são direcionadas. Estes processos podem ser criativos ou transformativos, sendo os primeiros relacionados ao surgimento de coisas novas – criação, e os segundos relacionados à transformação de seres que constituem o mundo circundante.

Exemplo:

A wide variety of reading and listening texts present language [in a natural and realistic context].

Ator Processo Meta Circunstância

(da quarta capa do livro *Straightforward Elementary*, Editora Macmillan)

- **Processos mentais:** referem-se às reações mentais dos seres humanos, aos sentimentos, às percepções e pensamentos, podendo, então, ser classificados em cognição (verbos como “saber”, “pensar”, “entender”), afeição (“gostar”, “temer”, “odiar”), e percepção (“ouvir”, “ver”). Por serem reações próprias de seres humanos, o participante principal necessariamente é humano e ativo – o Sensor - e o Fenômeno é o outro participante de natureza não ativa (Halliday, 1994; Eggins, 2004, p. 227).

Exemplo:

...[occasionally] you may find that a topic really takes off and is itself stimulating to students...

Circunstância Sensor Processo Fenômeno

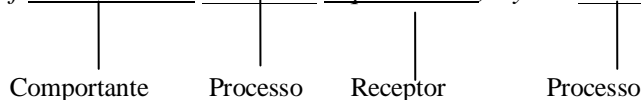
(da apresentação ao professor do livro *Straightforward Elementary*, Editora Macmillan)

⁹ Os exemplos deste capítulo são extraídos do *corpus* da pesquisa aqui apresentada.

- **Processos comportamentais:** caracterizados por Halliday (1994) como situados entre os processos mentais e materiais, estes processos são em parte ações, mas que podem ser experienciadas apenas por seres humanos. Constituem-se de comportamentos psicológicos e fisiológicos, como sorrir, espirrar, tossir, chorar. O participante ativo e humano é nomeado Comportante, e o segundo participante é o Comportamento em si.

Exemplo:

If a loud student talks over a quieter one, try not looking at (him / her).

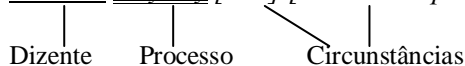


(da apresentação ao professor do livro *Straightforward Elementary*, Editora Macmillan)

- **Processos verbais:** são os processos da ação verbal de “dizer”, e incluem outros verbos do mesmo campo semântico, tais como “falar”, “perguntar”, “responder”, “conversar sobre”, “insistir”, “ordenar”, dentre outros. São processos que engendram troca simbólica de significados (Halliday, 1994; Eggins, 2004). Estes processos tem como participantes um Dizente – necessariamente humano e responsável pela ação verbal, um Receptor da mensagem a quem a ação é direcionada, e a Verbiagem – a expressão do comportamento verbal ou a mensagem em si quando se tratar de discurso direto.

Exemplo:

... students may say [less] [in an attempt to avoid error] ...

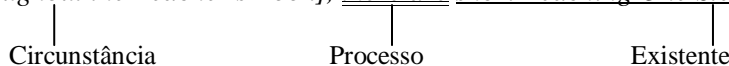


(da apresentação ao professor do livro *Straightforward Elementary*, Editora Macmillan)

- **Processos existenciais:** representam a experiência de existir, e do acontecer. Implicam em apenas um participante, o Existente, de ocorrência obrigatória, e que pode ser algo material, um fenômeno, ou um evento.

Exemplo;

[Throughout the Teacher's Book], there are short Teaching One Step Beyond sections



(da apresentação ao professor do livro *Straightforward Elementary*, Editora Macmillan)

- **Processos relacionais:** como a denominação indica, são os processos em que há o estabelecimento de relações entre dois participantes, relações estas expressas pelo verbo “ser” e outros semelhantes. Estes processos podem encerrar relações de identificação ou atributivas, sendo que nos primeiros ocorre uma identificação de um participante Identificado a um item Identificador, ou ainda entre uma Característica e um Valor. No caso de processos relacionais atributivos, há uma relação entre um participante Portador e um participante Atributo. De maneira bem sintética, os processos relacionais identificadores tem o caráter definidor, enquanto os processos atributivos podem promover classificação e descrição. Ambos os tipos ainda podem codificar relações intensivas (do fato de ser), de posse ou ainda de circunstância.

Exemplos:

It is, [in other words,] exactly what it says...



(da apresentação ao professor do livro *Straightforward Elementary*, Editora Macmillan)

New Ace conta [também] com uma grande coleção de pôsteres coloridos...



(da apresentação ao professor do livro *New Ace 1*, Editora Longman Pearson)

Ao apresentar aqui os processos desta forma, adoto a mesma ordem utilizada por Eggins (2004), pensando em dois grandes grupos: o das ações e o das relações. Os processos materiais, mentais, comportamentais e verbais são relacionados a ações e eventos de quaisquer naturezas, enquanto os processos existenciais e relacionais encerram significados sobre estados do ser, em que coisas e eventos existem ou acontecem simplesmente, ou existem em relação a uma identidade ou a uma caracterização. O quadro 2, a seguir, sistematiza e sintetiza isso.

Quadro 2: Processos e participantes – significados ideacionais. Fonte Halliday (1994); Halliday & Mathiessen (2004), Eggins (2004)

PROCESSOS		PARTICIPANTES	
AÇÕES	Materiais	Criativos Transformativos	Ator – quem faz Meta – quem sofre a ação
	Mentais	Cognição Sentimento Percepção	Sensor – quem sente, pensa , percebe; humano Fenômeno – o que é sentido, percebido, pensado
	Comportamentais (comportamentos psicológicos e fisiológicos)		Comportante – ser humano Comportamento
	Verbais (trocas simbólicas)		Dizente – quem produz a mensagem Verbiagem – a mensagem Receptor – quem recebe a mensagem
RELAÇÕES	Existenciais (o vir a ser, existir)		Existente
	Relacionais (o ser, estar, ter, ...) Identificador Atributivo	Intensivo Circunstancial Possessivo	Portador e Atributo, ou Identificado e Identificador, ou Característica e Valor

Já em uma proposta de análise discursiva além do nível da oração, Martin & Rose (2003) categorizam os processos como Fazer, Dizer / Sentir, e Ser, as categorias básicas consideradas por Halliday (1994). Esta proposta de Martin & Rose será detalhada mais adiante.

Ainda podem ocorrer outros tipos de participantes no nível oracional, a saber:

- *Beneficiário*: em processos materiais, pode ser cliente (para quem se faz algo) ou receptor (a quem se dá algo), e que em processos verbais seria a entidade a quem se endereça a mensagem.

- *Range* ou escopo: que em processos materiais e comportamentais pode ser o domínio a que pertence o processo ou o processo em si, e que em processos mentais a inter-relação entre o Fenômeno e um de seus elementos estruturais.

As circunstâncias podem ocorrer com todos os tipos de processos, embora umas sejam mais características de determinados processos, e são realizadas por grupos adverbiais ou sintagmas preposicionados. Elas são elementos periféricos (Martin & Rose, 2007) aos eventos, estes constituídos prontamente de processos e

participantes. Isso quer dizer que os eventos não necessitam, em termos linguísticos, das circunstâncias para sua ocorrência.

A seguir, apresento uma sistematização e síntese das circunstâncias (quadro 3) consideradas em Halliday (1994), Halliday & Mathiessen (2004), e Eggins (2004).

Quadro 3: Circunstâncias - significados ideacionais. Fonte: Halliday (1994); Halliday & Mathiessen (2004)

CIRCUNSTÂNCIAS	CATEGORIAS ESPECÍFICAS	EXEMPLOS
Extensão - de tempo e lugar (há quanto tempo, a que distância)	Distância (espaço), Duração (tempo)	<i>...2 unidades <u>a cada mês</u>, 4 <u>a cada bimestre</u>.</i>
Localização - de tempo e lugar (onde, quando)	Lugar, Tempo	<i><u>Throughout the Student's Book</u>, there's... <u>Occasionally</u>, you may find ...</i>
Modo (como, com o que, quanto, como o que)	Meio, Qualidade, Comparação	<i>Desenvolvido <u>especialmente</u> para alunos brasileiros.</i>
Causa (por que, para que, quem, por quem)	Razão, Propósito, Em lugar de	<i><u>Com o objetivo de abordar os Temas Transversais...</u></i>
Contingência (se, embora, senão)	Condição, Concessão,	<i>... <u>If you forget to bring the Teacher's Book into class with you...</u></i>
Companhia (com quem)	Concomitância, Adição	<i>...model texts <u>with exercises</u>.</i>
Papel (como quem, como o que)	<i>guise</i> , Produto	<i>...to value the Teacher's Book highly <u>as a tool for professional development</u>.</i>
Assunto (sobre o que)		<i>Ela falou <u>sobre o livro...</u></i>
Ângulo (ponto de vista) (de acordo com, segundo que ou quem)		<i><u>Based on the principles</u> that have made English File so popular.</i>

Os exemplos foram retirados de textos escritos pelos produtores dos livros didáticos de inglês considerados neste trabalho, e de uma entrevista com uma professora. Por isso, estão em inglês e em português.

b. Interpessoal – troca

A consideração de aspectos interpessoais de significação inclui os papéis comunicativos criados pela linguagem, isto é, os papéis de ‘perguntador’ e ‘respondente’, que os usuários de uma língua assumem ao fazerem uma pergunta e respondê-la; e também para conseguirem que algo seja feito, pela interação entre pessoas (Schlee, 2006, p.1007). Numa interação, os participantes assumem os papéis de dar ou demandar informações ou bens e serviços (Halliday, 1994;

Halliday & Mathiessen, 2004). O ato de dar do falante ou do escritor implica em receber por parte de seu interlocutor, da mesma forma que o ato de demandar implica em dar. O quadro 4, a seguir, pode ajudar a visualizar essa troca, ao mesmo tempo em que mostra a categorização apresentada em Halliday (1994, p. 69) e em Halliday & Mathiessen (2004).

Quadro 4: Papéis discursivos dos interlocutores - significado interpessoal.
Fonte: Halliday (1994); Halliday & Mathiessen (2004)

<i>COMMODITY</i> NEGOCIADA	BENS E SERVIÇOS	INFORMAÇÃO
PAPEL NA TROCA		
Dar	Oferecimento	Declaração
Demandar	Comando	Pergunta

Um usuário de uma língua, ao agir de acordo com um papel estabelecido, coloca outro usuário em papel de respondente, podendo este apoiar ou confrontar o enunciado original. Assim, uma oferta pode ser aceita ou rejeitada, um comando pode levar a uma submissão / aquiescência ou uma recusa, uma declaração pode ser reconhecida como verdadeira ou contra-argumentada, e uma pergunta pode ser respondida ou repudiada. Em se tratando de bens e serviços, a ação esperada é não verbal, a função semântica da oração é uma proposta, e a língua é meio para atingir propósitos não verbais. No caso de informações, a ação esperada é verbal, e semanticamente a oração é uma proposição (Halliday, 1994; Eggins, 2004; Halliday & Mathiessen, 2004).

Eggins (2004) acrescenta que, na cultura ocidental, uma informação pode ser expressa como opinião, um meio termo entre a troca de bens e serviços e de informações. O que ocorre, nesse caso, é uma troca de informações com o uso de recursos de modulação mostrando atitudes de obrigação como “Você tem que / precisa ler este livro”.

Em termos interpessoais, o sistema de significação a ser considerado em análises é o de Modo Oracional, incluindo aí o aspecto de Modalidade. Por Modo Oracional, Halliday (1994) entende que seja o componente central da troca de *commodity*, aquele que expressa o argumento da oração, que mostra a seleção do modo verbal, carrega a carga da oração como evento interativo (sua função semântica). Sua composição é expressa pelo Sujeito e o Finito (operador verbal).

O **Sujeito** é expresso como grupo nominal, é um elemento recuperado pelo finito ou pronome numa *tag question* em inglês¹⁰, e é definido por Halliday (1994) como a entidade que o falante quer fazer responsável pela validade da proposta ou proposição expressa na oração. Já o elemento **Finito** é parte do grupo verbal, é expresso por verbos auxiliares ou modais em inglês, e em português na forma de desinências verbais ou verbos auxiliares. Este é o elemento que torna possível a negociação da validade da proposta ou proposição: em que tempo ela é válida (tempo verbal), se ela é positiva ou negativa (polaridade) e a extensão da sua validade (modalidade).

Exemplos:

<i>ACE</i>	<i>oferece</i>	<i>muitas oportunidades para a prática contextualizada de cada uma das quatro habilidades.</i>
Sujeito	Finito + Predicador (presente)	Complemento e circunstâncias
<i>Modo Oracional</i>		Resíduo

<i>o vocabulário e um resumo da gramática</i>	<i>são</i>	<i>apresentados</i>	<i>ao final de cada unidade para que o aluno verifique o que foi aprendido.</i>
Sujeito	Finito (presente)	Predicador	Circunstâncias
<i>Modo Oracional</i>		Resíduo	

(Exemplos retirados da apresentação ao professor do livro *New Ace*, editora Longman Pearson)

Importante também são as noções de polaridade e de modalidade expressas no **Modo Oracional**. Por polaridade entende-se a dualidade entre positivo e negativo – o sim e o não. A modalidade, por sua vez, é o intermediário entre o positivo e o negativo, e pode ser expressa por verbos, por adjuntos ou por ambos simultaneamente. Divide-se em modalização quando há negociação de informação (proposição), e modulação quando há negociação de bens e serviços (proposta). A modalização pode encerrar probabilidade (“pode ser”, “possivelmente”, “talvez”) e habitualidade (“sempre”, “às vezes”), intensidade ou minimização (“realmente”, “somente”), presunção (“evidentemente”, “obviamente”), e inclinação (“alegremente”, “desejosamente”). A modulação pode implicar em obrigação

¹⁰ Esta é uma das características e forma de se identificar o sujeito defendida por Halliday com relação ao inglês, mas nem sempre aplicável a outras línguas, como o português, por exemplo. Talvez, apenas na variante padrão formal do português tal regra seja possível de aplicação.

(“deve”, “tem que”, “deve ser”), ou numa inclinação (“foi cumprido”, “fez-se”) (Halliday & Mathiessen, 2004, p.126-129).

Os graus de modalização e modulação - alto, médio, ou baixo - podem indicar o comprometimento do falante com a validade do que é dito e a responsabilidade pela atitude expressa, através de uma explicitação ou não da figura do falante / escritor (ou outro ser ou instituição) desta atitude. Também se pode estabelecer objetividade quando não se assume um ponto de vista, expressando-se apenas o evento; ou subjetividade quando o que é dito é caracterizado como um ponto de vista específico¹¹ (Thompson, 1996, p. 62). Estas são noções importantes consideradas também nas propostas de análise discursiva apresentadas adiante (Martin & Rose, 2003; Martin & Rose, 2007; e Kress & van Leeuwen, 1996).

c. Textual – a estrutura Tema e Rema

Pensar a oração como mensagem significa admitir que ela tem uma estrutura constituída de dois elementos: **Tema** e **Rema**. O primeiro é o elemento que serve como ponto de partida da mensagem, sempre posto à frente em inglês e português. O **Tema** inclui tudo o que inicia a oração até seu primeiro elemento ideacional, podendo ser realizado por um sintagma nominal, um sintagma adverbial e um sintagma preposicional. Nele, está a maior parte do significado de uma oração. Isso significa que é dado a um elemento ou elementos um status especial na mensagem fazendo-o **Tema**. Como diz Eggins (2004, p.298) esta “dimensão textual de significação (...) relaciona-se com o potencial que a oração oferece aos seus constituintes de serem organizados de maneiras diferentes, para o alcance de propósitos diferentes”¹².

O **Rema**, por sua vez, é o restante, o desdobramento da mensagem, a parte da oração em que o **Tema** é desenvolvido. Normalmente, é nele que está a informação nova, em oposição à informação já conhecida (dada) expressa pelo Tema.

Seguem dois exemplos:

¹¹ Isto é tratado adiante no item sobre Avaliatividade da proposta de análise discursiva de Martin & Rose (2003 /2007).

¹² *The textual strand of meaning (...) is concerned with the potential the clause offers for its constituents to be organized differently, to achieve different purposes.* Eggins (2004, p.298)

<i>New American Inside Out</i>	<i>builds on the recognized strength and success of American Inside Out</i>
Tema	Rema

(Exemplo retirado da quarta capa do livro *New American Inside Out*, Editora Macmillan)

<i>o trabalho com os Temas Transversais</i>	<i>representa um passo fundamental para que o aluno assuma o papel de agente da construção do conhecimento e se aproprie do conhecimento construído.</i>
Tema	Rema

(Exemplo retirado da apresentação ao professor do livro *New Ace*, Editora Longman Pearson)

Esta ideia serve de base para a caracterização de alguns elementos composicionais de textos multimodais escritos na Gramática do Design Visual (Kress & van Leeuwen, 1996). Refiro-me mais especificamente à dualidade Dado / Novo em se tratando de elementos verbais e não verbais. Também Martin & Rose (2003, e Martin & Rose, 2007) a consideram no sistema de periodicidade, o qual se refere ao fluxo da informação num texto. Estes autores adotam a nomenclatura **Tema - Novo**, e admitem como Halliday (1994; e Halliday & Mathiessen, 2004), que a observação do padrão Tema-Rema é mais evidente quando se considera a importância da escolha de elementos temáticos no desenvolvimento total de um texto.

Por si só, a escolha do elemento temático pode ser algo particular, mas tem um papel fundamental na maneira como o discurso se organiza, ou o método de desenvolvimento de um texto (Halliday, 1994, p.61). Esta escolha contribui para a coesão interna do texto, e a expressão coerente dos significados ideacionais e interpessoais.

2.8. Além da oração: propostas de análises discursivas

A Gramática Sistêmico-Funcional proposta para o inglês e aplicada a outras línguas (Halliday, 1994; Halliday & Mathiessen, 2004) tem foco maior na léxico-gramática, estrato da língua em que são realizadas, no nível oracional, as escolhas de significado no estrato da semântica do discurso. Halliday & Mathiessen (2004) explicam que o sistema de **Tema** e **Rema**, em termos textuais, realiza as mensagens produzidas no nível semântico, e que por sua vez podem se combinar de modo a formar movimentos de informações em um texto. Em termos interpessoais, uma proposição ou uma proposta, enquanto significado semântico, é

realizada na léxico-gramática através do sistema de **Modo oracional**, determinando, por exemplo, presença ou ausência de elementos modalizadores, forma afirmativa, imperativa, interrogativa ou negativa das orações. Por sua vez, significados ideacionais no nível semântico, denominados *Figures* (do inglês), os quais podem se combinar para formar sequências de atividades (Martin & Rose, 2003, também Martin & Rose, 2007), são realizados na léxico-gramática através do sistema de Transitividade.

Se no estrato da léxico-gramática a oração é a maior unidade de análise, no nível semântico-discursivo, a unidade com o mesmo *status* é o texto (Halliday & Mathiessen, 2004). E enquanto unidade semântica, então, o texto não é um composto de orações, como se fosse um agrupamento ordenado delas, mas sim realizado por orações, através de complexos de orações, de modo que escolhas semânticas são realizadas por escolhas feitas no nível léxico-gramatical.

Embora Halliday & Mathiessen (2004) considerem significados semântico-discursivos, ou seja, além do nível oracional, na 3ª edição de *An Introduction to Functional Grammar*, uma proposta que parece desenvolvê-los com mais propriedade é a de Martin & Rose (2003, também Martin & Rose, 2007), a qual será parcialmente descrita a seguir. Também, em termos discursivos, a Gramática do Design Visual de Kress & van Leeuwen (1996) é uma proposta de análise de outras modalidades de comunicação (imagens, elementos gráficos, dentre outros), que tem como base os pressupostos da Linguística Sistêmico-Funcional.

Estas propostas utilizam alguns conceitos apresentados até aqui, adotam a noção de sistemas de significação, consideram os estratos em que a língua se subdivide, a noção de gêneros aqui apresentada, bem como a importância do contexto social (de registro e de cultura) na construção de um texto. Os sistemas discursivos de significação semântico-discursiva estão ligados às metafunções ideacional, interpessoal e textual. Eles são detalhados em categorias, algumas delas mostradas adiante.

Os recursos de significação permitem análises de textos em mais de uma perspectiva, pois são “ferramentas” de análises textuais (Martin & Rose, 2003, também Martin & Rose, 2007) a serem usadas para vários propósitos. Alguns desses recursos foram utilizados nas análises de textos que compõem o *corpus* deste estudo: textos escritos pelos produtores de livros didáticos, entrevistas com professores e questionários respondidos pelos alunos.

2.8.1. A proposta de análise discursiva de Martin & Rose: “o significado além da sentença”.

Os significados além do nível da sentença são o foco principal da proposta de Martin & Rose (2003, também Martin & Rose, 2007). Para estes autores, a Linguística Sistêmico-Funcional, uma vez comprometida com a semântica do discurso, tenta, também, lidar com a complexidade do fenômeno discursivo a ser descrito, que é linguístico e ao mesmo tempo social. Assim sendo, defendem a interpretação do discurso social e a análise de textos em contextos sociais, pois um texto é produzido interativamente na relação entre os interlocutores. No uso da linguagem nesta interação, as metafunções ideacional, interpessoal e textual se entrecruzam, isto é, ocorrem de maneira conjunta. A análise destas em separado acontece apenas por questões didáticas.

Martin & Rose (2003, também Martin & Rose, 2007) apresentam sistemas discursivos ligados às metafunções e especificados a seguir:

- **avaliatividade** (do inglês *appraisal*): refere-se às atitudes negociadas num texto, que são os sentimentos e os valores construídos entre os participantes interlocutores. São significados interpessoais que mostram a natureza interativa do discurso.
- **ideação** (do inglês *ideation*): refere-se às atividades executadas, e como são descritos ou classificados os participantes dessas atividades. O foco está no conteúdo, portanto nos significados ideacionais.
- **conjunção** (do inglês *conjunction*): também um tipo ideacional de significação, refere-se às conexões (temporal, causal e outras) que são formuladas e estabelecidas entre as atividades, reformulando, adicionando, sequenciando, explicando.
- **identificação** (do inglês *identification*): refere-se à introdução dos participantes (pessoas, lugares ou coisas) e a manutenção destes no discurso. Trata-se de recursos textuais relacionados à forma como o discurso faz sentido ao receptor.
- **periodicidade**: é o fluxo da informação, envolvendo “camadas” de previsão e de consolidação dos significados, considerando o ritmo do discurso. Também envolve recursos textuais de significação.

Martin & Rose (2007) apresentam também a **negociação** como sistema discursivo, de natureza interpessoal, envolvendo trocas de papéis dos interlocutores à medida em que o texto se desenvolve (responder, perguntar, pedir, comandar).

Apresento mais detalhadamente e utilizo, neste estudo, os aspectos de avaliatividade, ideação, e periodicidade. Os demais sistemas e recursos de significação não são utilizados nesta pesquisa dada a sua natureza, ou seja, as representações do livro didático pelos seus produtores e usuários. Os sistemas de conjunção e identificação pouco contribuiriam para a análise do *corpus* na detecção de representações do livro didático.

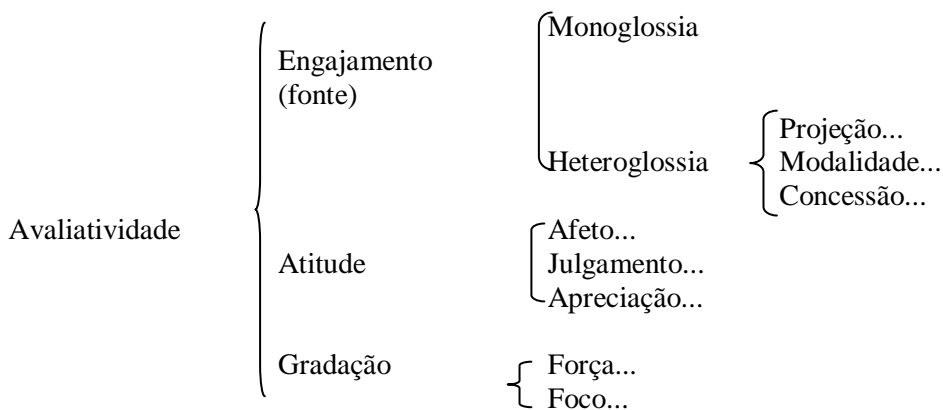
Também utilizo a noção de topologia (Martin, 1997; Martin & White, 2005, Martin & Rose, 2006), segundo a qual um recurso discursivo comumente de cunho ideacional, por exemplo, pode estar relacionado, em outro contexto específico, a relações interpessoais. Isto significa considerar a existência de proximidade entre os textos analisados e as categorias de análise, e não uma categorização rígida de cunho positivista.

a. Avaliatividade

Para Martin & Rose (2003, também Martin & Rose, 2007; e ainda Martin, 2000) - avaliatividade é um sistema de construção de significados interpessoais, e refere-se às atitudes negociadas num texto pelos interlocutores, bem como a gradação que sofrem e a fonte (de onde e de quem se originam). Por atitude, entende-se a expressão de afeto, a apreciação feita de coisas materiais e abstratas, e ainda o julgamento do caráter das pessoas e suas condutas. Além dos recursos linguísticos para se expressar afeto, apreciação e julgamento, existem recursos utilizados para amplificar (dar força a, ou focar mais ainda) a atitude, e ainda os que indicam sua fonte de origem. A força dessas atitudes e suas origens revelam a natureza interativa do discurso.

A expressão de atitude, de amplificação e de fonte acontece concomitantemente, compondo o sistema de avaliatividade, mas para expressar atitude há três formas, usadas uma de cada vez. Assim, o sistema seria:

Esquema 1: Sistema de Avaliatividade. Fonte: Martin & Rose (2003, p.54)



Neste esquema, as chaves indicam que cada recurso acontece ou tem possibilidade de acontecer simultaneamente a outro, isto é, a expressão de atitudes pode ser feita de modo a se ter ou não uma gradação dessa atitude, e ainda, a fonte pode, ou não, ser explicitada. Da mesma maneira, a expressão de atitude pode acontecer de modo que no discurso possam ser postos: afeto, julgamento ou apreciação a cada vez. Quando a fonte de uma atitude é expressa, isso pode se dar através de uma única voz (monoglossia) ou de várias vozes (heteroglossia), mas nunca das duas ao mesmo tempo, e daí o uso de colchetes. Além do mais, se o subsistema de atitude for detalhado, percebe-se que o afeto pode ser positivo ou negativo, mas nunca das duas formas ao mesmo tempo. As reticências no sistema exposto implicam a continuação das ferramentas / categorias, e passo a explicar com mais detalhes cada subsistema nos próximos parágrafos.

A atitude implica em avaliação através da expressão do afeto, do julgamento de caráter e conduta, e da apreciação de coisas materiais ou não. O afeto implica na expressão de emoção, sentimentos, e, como foi dito, pode ser positivo ou negativo, e ao mesmo tempo direto (através do uso de palavras que denotam o sentimento) ou indireto (através do uso de processos / comportamentos que indicam expressão da emoção). Pode acontecer também na expressão de uma qualidade (epíteto, atributo ou circunstância), um processo, ou um comentário.

Como exemplos, apresento respostas de alunos retiradas dos questionários aplicados. Na pergunta 4, a respeito da avaliação que faz do livro didático, um aluno do contexto 1 responde: “Mediano”. E justifica: “Porque eu não gosto de inglês britânico”. Aqui, verifica-se a presença de afeto negativo (“não gosto”) exposto diretamente através do verbo “gostar” que indica aspecto emocional.

Outro aluno, no mesmo contexto, responde sobre as contribuições do livro para seu aprendizado de inglês: “Contribuí pouco, porque este livro não me agrada muito, apesar do assunto ser tratado de forma clara, acho que ele não consegue se organizar de maneira objetiva”. Os termos sublinhados são usados para expressar afeto negativo e a sua gradação.

O julgamento implica na avaliação de caráter e conduta social, podendo também ser positivo ou negativo¹³, implícito ou explícito no discurso, se referir ao âmbito pessoal (admiração + ou crítica -) e ao âmbito moral (louvação + ou condenação -). No âmbito pessoal, o julgamento encerra uma estima social. Já com relação ao âmbito moral, o julgamento encerra uma sanção social.

Ao responder sobre a importância do livro para seu aprendizado de inglês, uma aluna do contexto 4 respondeu: “Funciona como um guia e consigo ‘trabalhar’ sozinha em casa. Mas, é importante dizer que a professora também é parte fundamental nesse processo. Ela está sempre preocupada em tornar a aula mais interessante para o grupo” (grifo da aluna). Neste caso, esta aluna julga importante e louva a preocupação da professora quanto à adequação aos interesses dos alunos.

A apreciação é a expressão do valor das coisas, sendo o termo “coisas” entendido de maneira ampla, podendo referir-se a objetos, instituições, relações, eventos, qualidades abstratas (Martin & Rose, 2003; e Martin & Rose, 2007). A apreciação também pode ser positiva ou negativa, e variar entre expressão de reações, valorização e composição da coisa apreciada.

Exemplifico com a resposta, no questionário, de um aluno do contexto 4 sobre a importância do livro didático adotado para sua aprendizagem de inglês. Ele escreve: “(...) o material não é enfadonho, é prático e atualizado”. Aqui, a apreciação é feita de maneira positiva através dos termos sublinhados, mostrando qualidades do livro.

Outro exemplo retirado de um questionário de um aluno do contexto 1 refere-se à primeira pergunta em que foi pedido que os alunos descrevessem o livro didático utilizado. “Trata-se de um livro simples e elaborado de forma básica para transmitir um alicerce para que possamos começar a estudar e arriscar algumas palavras em inglês, com atividades bem simples para a fixação da

¹³ Os sinais + e - indicam julgamentos positivos e negativos respectivamente

matéria”. Os termos grifados indicam apreciação, expressando qualidade e composição do livro em questão.

Por fim, apresento outra resposta à mesma pergunta em que outro aluno do mesmo contexto diz: “O livro é bom, de fácil compreensão e estudo, porém é repetitivo e cansativo às vezes”. Neste caso, há apreciação positiva (bom, de fácil compreensão) e negativa (repetitivo, cansativo), referindo-se à qualidade do livro (bom), sua composição (fácil, repetitivo), reação de quem aprecia (cansativo).

A expressão de atitudes pode ocorrer de maneira a estarem amplificadas, ou seja, podem apresentar níveis de gradação, através da utilização de recursos linguísticos para se dizer a que ponto, ou quanto se sente ou se avalia algo. Segundo os autores da proposta, há recursos para aumentar ou diminuir o grau da atitude expressa - categorizados como força, e também há recursos usados para especificar, aprofundar ou suavizar uma atitude - o foco. Isso se assemelha ao que foi apresentado anteriormente sobre modalização, que pode mostrar o grau de subjetividade e de objetividade (Halliday, 1994; Thompson, 1996) presente num texto.

Exemplos de gradação podem ser verificados em alguns trechos citados nos parágrafos anteriores. Apresento destaque aos vocábulos: “com atividades bem simples”, “em tornar a aula mais interessante para o grupo”, “não me agrada muito”. Outros exemplos retirados também de outros questionários de alunos dos mesmos contextos são: “Este livro é quase completo, bem ilustrado e com exercícios abundantes”; “É um livro muito bem feito, na verdade um “pacote” com 3 livros e 2 CDs, com excelente método didático”.

Revelar as fontes das atitudes significa responder à pergunta: de onde elas vem? Muitas vezes, podem vir de quem fala ou escreve. Sendo uma pessoa apenas, caracteriza-se como monoglossia, mas quando vem de múltiplas vozes no discurso, é uma heteroglossia, que pode acontecer através de: projeção (de orações, de atos de fala, de nomes, dentro de orações) citando ou reportando o que foi dito por outra pessoa; modalidade (através do uso de indicadores de graus de obrigação e de probabilidade) que mostra um reconhecimento de alternativas de vozes, abrindo espaço para negociações e diferentes pontos de vista; concessão (através das conjunções que a indicam) podendo ser criada uma expectativa no receptor da mensagem sinalizada no texto de modo a enfatizar o contrário.

O exemplo a seguir foi retirado da apresentação ao professor da coleção *New Ace*, em que os autores, os quais assinam o texto, dizem: “Mantivemos os tópicos e situações de que os alunos comprovadamente gostam...” Neste caso, é apresentado o afeto positivo que os alunos tem com relação a determinados tópicos e situações, ou que os autores assumem que eles tem, o que justifica a manutenção sobre a qual se fala. No entendimento destes autores é seguro que os alunos gostam desses tópicos e das situações em questão, sendo então, para eles, os alunos a fonte de tal atitude de afeto.

No mesmo texto, observa-se a frase: “Os aspectos mais importantes do conteúdo são apresentados com a tradução em português”. Como o texto é assinado pelos autores, deduz-se que eles são a fonte da apreciação feita quanto aos graus de importância de determinados aspectos do conteúdo.

Percebo que a expressão de atitudes com ou sem gradação, explicitando ou não fontes revela também o grau de comprometimento do falante ou do escritor com o que se diz (Thompson, 1996). Sendo este um sistema de significação interpessoal, os elementos de gradação e de fonte assemelham-se aos elementos de modalidade considerados no nível oracional e descritos por Halliday (1994; Halliday & Mathiessen, 2004; e Thompson, 1996). No entanto, não se trata dos mesmos elementos e não devem ser confundidos.

b. Ideação

A ideação refere-se à construção das experiências humanas, materiais ou simbólicas, no discurso (Martin & Rose, 2003; Martin & Rose, 2007). O foco é o conteúdo do discurso, e tomam-se para análise as relações entre os itens lexicais, as relações estabelecidas entre os elementos internos de uma atividade, e as relações entre as atividades no conjunto do texto (Halliday & Mathiessen, 2004). Para Martin & Rose (2003), ideação não se trata da realidade pré-existente traduzida em palavras, mas sim de uma construção da experiência da realidade enquanto construção discursiva.

As sequências de atividades são séries de eventos esperados num campo do discurso e podem ser analisadas de acordo com as fases do texto. Estas fases são previsíveis e dependentes do gênero sob análise.

A análise dos elementos básicos da significação ideacional – as atividades expressas em processos, os participantes e as circunstâncias - pode revelar a maneira como pessoas e coisas são posicionadas no discurso, se de modo igualitário ou não. A análise ainda pode focalizar a construção dos participantes no discurso, se mais ou menos agentivos, e para tal, contribui o entendimento dos processos (conforme Martin & Rose, 2003), considerados elementos centrais que compõem o núcleo da atividade (Martin & Rose, 2007).

As relações nucleares são as estabelecidas dentro da oração, ou ainda dentro dos elementos que a compõem (grupos nominais e grupos verbais) (Martin & Rose, 2007). Entende-se que, numa oração, pessoas e coisas são participantes de um processo, havendo um participante mais importante sem o qual o processo não ocorreria: o *Medium* ou Meta. Este é o elemento nuclear da atividade, enquanto o processo é o elemento central em conjunto com o *Medium*. Os demais participantes (Agente, Beneficiário ou *Range*) tem uma posição marginal e as circunstâncias são periféricas (Martin & Rose, 2007).

Em Martin & Rose (2003), os processos são categorizados em Fazer, Dizer/ Sentir e Ser. Os autores não detalham a classificação dos processos como faz Halliday (1994; Halliday & Mathiessen, 2004), e justificam dizendo que não haveria razão para tal numa análise discursiva, pois o foco de uma análise em nível discursivo é nas relações estabelecidas entre as atividades e seus elementos. Assumem, então, os tipos de processos que indicam as principais experiências internas ou externas construídas por um usuário da língua, descritos a seguir:

- o Fazer: representa as ações materiais, o que as pessoas fazem, e foco está, portanto, na atividade em si; pode haver um ou mais participantes sendo necessário um agente e pode aparecer um participante passivo.

- o Dizer e Sentir: são considerados em conjunto porque apresentam a possibilidade de uma projeção de outro processo (na forma de outra oração, sendo o conteúdo desta aquilo que se sente, se pensa, ou o que se diz); e os tipos de processos envolvem atos de percepção, pensamento, sentimento, expressão.

- o Ser: focalizam-se as entidades, suas identificações, suas existências, a sua caracterização (qualidades, a composição ou pertencimento a um grupo).

Uma forma de análise de textos compreende o direcionamento do olhar para como pessoas e coisas participam dos processos à medida que um texto se desdobra (Martin & Rose, 2003, p.86), e pode ser útil uma visualização em quadro

como o exposto a seguir e utilizado também pelos autores. Apresento, aqui, a análise de um trecho da quarta capa do livro *Straightforward Elementary*.

Quadro 5: Processos e participantes – significação ideacional com exemplo. (Fonte: Martin & Rose, 2003)

Straightforward is a multi-level course for adults and young adults. Based on observation of what good teachers do in the classroom, *Straightforward* is transparent in its structure, pragmatic in its methodology, and varied in its content.

- *Double-page lessons offer a **balanced mix** of language input, skills work and oral tasks. (...)*

PARTICIPANTE	PROCESSO (FORMAS DE PARTICIPAÇÃO)						
	Fazer	Significar (dizer/sen- tir)	Ser				
			Qualidade	Classe	Partes	Identi- dade	Exis- tência
<i>Straightforward</i>				<i>is a multi-level course for adults and young adults.</i>			
<i>(Straightforward)</i>			<i>Based on observation of what good teachers do in the classroom</i>				
<i>Straightforward</i>					<i>is transparent in its structure pragmatic in its methodology, varied in its content</i>		
<i>Double-page lessons</i>	<i>Offer a balanced mix of language input, skills work and oral tasks.</i>						

A cada linha, as orações são analisadas de forma a mostrar as atividades mais recorrentes e a forma de participação dos seres no discurso. Este quadro foi também utilizado na pesquisa para análise de alguns textos escritos sobre os livros didáticos por seus produtores (ref. Capítulo 5).

O sistema de ideação compreende, também, as relações lexicais, definidas como “as relações semânticas entre pessoas, coisas, processos, lugares e qualidades específicas que constroem o campo de um texto”¹⁴ (Martin & Rose, 2007, p.75). São as relações taxonômicas, cuja análise implica em observar a classificação e descrição dos participantes em termos de suas qualidades, classe a que pertencem, as partes que os compõem, e outras caracterizações, levando em conta que:

- as qualidades podem ser graduadas, e os elementos qualificadores especificam ou elaboram a coisa ou pessoa qualificada;
- a caracterização de classes implica a distinção em grupos, estando um determinado grupo em oposição a outros;
- a especificação de partes que constituem um participante pode ocorrer através de referência de posse (uso de pronomes possessivos), facetas (uma parte do todo), medidas (porções de um todo).

A partir das descrições dos participantes, ou seja, pelo conjunto completo formado pelas qualidades, classes e partes destes, pode-se construir um “retrato” (do inglês *picture*) do campo do discurso (Martin & Rose, 2003, e Martin & Rose, 2007).

As relações taxonômicas de classe – membro, todo – parte, contrastes, repetição e sinonímia podem ser visualizadas a seguir:

Quadro 6: Relações taxonômicas (baseado em Martin & Rose, 2003 e Martin & Rose, 2007)

RELAÇÕES TAXONÔMICAS	
Repetição (ex. livro, livro didático, livro do aluno, livro de exercícios)	
Sinonímia (ex. livro didático, manual didático, material)	
Contraste	Oposições (ex. grande – pequeno) Séries (ex. básico – intermediário – avançado)
Classe	Classe – membro (ex. livro – livro didático) Co-classe (ex. livro de inglês – livro de matemática – livro de biologia)
Parte	Todo – parte (ex. livro – capítulo – seções) Co-parte (ex. unidades – páginas – seções – atividades)

A metáfora gramatical de cunho ideacional também é mencionada por Martin & Rose (2003, e Martin & Rose, 2007) como um recurso discursivo possível de ser utilizado para a construção da experiência em nível semântico

¹⁴ “...lexical relations, that is, semantic relations between the particular people, things, processes, places and qualities that build the field of a text.” (Martin & Rose, 2007, p.75)

discursivo. Os autores partem das noções de metáfora gramatical de cunho ideacional / experiencial expostas por Halliday (1994; também Halliday & Mathiessen, 2004) segundo a qual há um significado que pode ser expresso de formas diferentes, dentre elas a forma metafórica. Nessa perspectiva, “um significado pode ser realizado pela seleção de palavras que é diferente daquela considerada mais típica ou não marcada^{15,16} (Halliday, 1994, p.341), o que equivale dizer que metáfora é variação no significado.

Martin & Rose (2003, e Martin & Rose, 2007) reconhecem, como Halliday (1994; Halliday & Mathiessen, 2004), que, em termos ideacionais, existe uma transferência de significado de um tipo de elemento a outro tipo, que é a nominalização. Esta é uma maneira de se expressar processos diferente do que se expôs anteriormente neste capítulo. A forma mais congruente seria a expressão destes elementos através de grupos verbais. No entanto, processos podem ser expressos como substantivos, ou como atributos (normalmente adjetivos). Este é um poderoso recurso de construção de metáfora gramatical (Halliday, 1994, p.352), quando um processo pode ser transformado em núcleo de um grupo nominal, em participante na oração (em termos experienciais), constrói hierarquia e desenvolve argumentos (em termos interpessoais), pode assumir a posição de Tema (em termos textuais).

Exemplos:

... the organization of the syllabus cannot only be informed by descriptions of what a student should be able to do...

(da apresentação no Manual do Professor do livro Straightforward Elementary, Editora Macmillan)

ACE oferece muitas oportunidades para a prática contextualizada de cada uma das quatro habilidades

(da apresentação no Manual do Professor do livro New Ace, Editora Longman Pearson)

Dezesseis Bonus Units, uma para cada unidade regular, oferecem não só prática adicional, reforço de gramática e de vocabulário mas também apresentam word games e puzzles.

(da apresentação no Manual do Professor do livro New Ace, Editora Longman Pearson)

It features motivating topics and texts, systematic vocabulary expansion, practical pronunciation support, and a focus on using English more accurately

(da quarta capa do livro English File Upper Intermediate, Editora Oxford)

¹⁵ Por “não marcada” entende-se a forma mais comum de uso na língua.

¹⁶ “A meaning may be realized by a selection of words that is different from that which is in some sense typical or unmarked. From this end, metaphor is variation in the expression of meanings.” (Halliday, 1994, p.341)

A nominalização torna um texto mais denso lexicalmente, e seu uso é mais comum na língua escrita. Pode ser considerada uma marca de prestígio e poder, e segundo Halliday, o discurso metafórico “tende a separar os *experts* dos iniciantes” (Halliday, 1994, p.353) num determinado contexto de registro. Como a proposta de Martin & Rose (2003, e Martin & Rose, 2007) é a análise de textos em contextos sociais, a observação de metáforas gramaticais ideacionais é importante, pois como salienta Halliday (1994, p.366):

O conceito de metáfora gramatical, em si mesmo talvez uma extensão do termo em seu sentido retórico enquanto figura de linguagem, nos capacita a por juntas características do discurso que a princípio parecem ser muito diferentes umas das outras. Mas quando reconhecemos os diferentes tipos de significação que estão juntos na léxico-gramática, e especialmente a distinção básica entre significação ideacional e interpessoal, podemos perceber que o que parece dois conjuntos diferentes de fenômenos é na realidade instâncias de um mesmo fenômeno emergindo nestes dois diferentes contextos.¹⁷

Sendo mais característica da língua escrita, a nominalização é muitas vezes usada em alguns textos analisados na pesquisa aqui apresentada. Isso acontece por serem esses textos mais concisos pela própria natureza. A quarta capa, por exemplo, não excede uma página, e anúncios de catálogos, normalmente ocupam, no máximo, duas páginas e utilizam muitos recursos visuais.

Este conceito, então, será importante para o entendimento da análise apresentada adiante (ver exemplos anteriores). Entretanto, a importância desse recurso de significação não se limita aos textos escritos, pois nas entrevistas que compõem o *corpus* de análise deste estudo também foram encontradas metáforas gramaticais de cunho ideacional.

c. Periodicidade

Periodicidade, por sua vez, refere-se ao fluxo da informação e à regularidade, à maneira como se cria um ritmo previsível para que o receptor da mensagem apreenda mais facilmente os significados ali veiculados (Martin &

¹⁷ “The concept of grammatical metaphor, itself perhaps a metaphorical extension of the term from its rhetorical sense as a figure of speech, enables us to bring together a number of features of discourse which at first sight look rather different from each other. But when we recognize the different kinds of meaning that come together in the lexicogrammar, and especially the basic distinction between ideational and interpersonal meaning, we can see that what look like two different sets of phenomena are really instances of the same phenomenon arising in these two different contexts”. (Halliday, 1994, p.366)

Rose, 2003 e Martin & Rose, 2007). Portanto, trata-se de um sistema de significação textual.

Contribui para a compreensão da periodicidade, a análise de palavras que identificam o discurso em si (ex. “carta”, “apresentação”, “esse texto”, “linhas”, “o final”). O uso dessas palavras metadiscursivas (Martin & Rose, 2007, p.188) é um recurso de organização do discurso, pois sabe-se que gênero se produz, ou ainda como ele se organiza, uma vez que o texto pode ser identificado.

Também tem importância para o entendimento da periodicidade a análise dos Temas e Remas das orações do texto (ref. definições apresentadas neste capítulo) e/ou de partes do texto mostrando que este se refere a um assunto específico, de que há uma progressão ou uma descontinuidade da informação. Essas são pequenas ondas de informação no nível oracional, e escolhas recorrentes de Temas e Remas (ou Novos, como dizem os autores) servem para organizar o discurso em fases de informações. Assim, na concepção de periodicidade está a ideia de Halliday (1994), de que as escolhas no sistema Tema Rema fazem com que um texto seja organizado de modo a constituir o método de desenvolvimento deste texto enquanto os elementos Novos contribuem para o desenvolvimento da ideia ou informação¹⁸ veiculada pelo texto. Halliday & Mathiessen (2004), reconhecendo isso, utilizam os mesmos termos usados por Martin & Rose (2003, também Martin & Rose, 2007), ao dizerem que as mensagens formam movimentos periódicos de informação ajudando a construir o fluxo da informação.

Indo além do que apresentam Halliday & Mathiessen (2004), Martin & Rose (2003, e Martin & Rose, 2007) defendem a existência de hiperTemas e hiperNovos em escala maior das fases de um texto, e em escala ainda maior, MacroTemas e MacroNovos. São padrões que permitem prever o que acontece no texto e como a informação é apresentada em cada fase. Como hiperTemas, por exemplo, os autores citam os tópicos frasais, que podem dar detalhes tanto do campo da informação (do inglês, *field*) como podem apresentar uma avaliação a respeito do assunto.

Nesta tese, utilizo essas noções na análise de textos escritos por autores e editores sobre um livro didático, ou seja, os anúncios dos catálogos das editoras,

¹⁸ Do inglês *point*. Martin & Rose (2003, p.186) utilizam a expressão *the point of a text*.

apresentações contidas no manual do professor, e textos de quartas capas dos livros, considerando que devido à pequena extensão dos textos, nem sempre todos esses elementos ocorrem. Para análise das entrevistas com professores sobre os livros didáticos e das respostas aos questionários respondidos pelos alunos, utilizo apenas a noção de Tema e Novo, visto que esses textos são produtos de esquemas anteriores produzidos especificamente para a captação de respostas, as quais muitas vezes são constituídas de uma oração apenas.

2.8.2. A Gramática do Design Visual (Kress & van Leeuwen, 1996)

A partir das noções da Linguística Sistêmico-Funcional, Kress & van Leeuwen (1996) apresentam a Gramática do Design Visual, considerando que as imagens tem tido grande importância na produção de diferentes tipos de textos, tais como os jornalísticos, publicitários, didáticos. Os autores acrescentam que as várias modalidades semióticas (visual, verbal, gestual, por exemplo) possuem, cada uma, suas potencialidades e limitações próprias. Isto faz com que significados construídos através da linguagem verbal sejam diferentes daqueles construídos através de imagens e ou gestos, justificando a proposta desses autores. Assim, a noção de texto definida na Linguística Sistêmico-Funcional é ampliada na medida em que se considera que todo texto é multimodal (Kress, 2000), e não apenas realizado por elementos verbais. Nele, estão presentes mais de uma modalidade de comunicação e expressão, embora uma possa ter predominância sobre outras.

Segundo Kress & van Leeuwen (1996), as linguagens verbal e visual possuem maneiras distintas e formas específicas de realizar sistemas de significação próprios de determinadas culturas. Assim, a comunicação visual é codificada e não transparente, pois imagens são interpretadas no interior de uma dada cultura, assim como se afirma com relação ao uso da língua. Então, a comunicação visual numa dada sociedade deve ser entendida com base nas formas e modos de expressão disponíveis naquele contexto específico de comunicação, considerando-se os seus diferentes usos e valores.

Sendo assim, a Gramática do Design Visual (Kress & van Leeuwen, 1996) apresenta os elementos e as regras da cultura ocidental, a qual, na

contemporaneidade, é a cultura dominante em termos de comunicação visual, cultural e tecnologicamente controlada pelas mídias de massa.

Ao partirem das concepções de Halliday sobre a linguagem verbal para construir uma Gramática do Design Visual, os autores consideram que a gramática capacita o ser humano a construir uma figura mental da realidade, para entender as experiências construídas à sua volta e dentro de si próprio.¹⁹ A metafunção ideacional está presente na construção de narrativas e ou de conceitos delineando, respectivamente, ações e construtos. A metafunção interpessoal se mostra nos tipos de relações estabelecidas entre participantes (autor da imagem, espectador e participante representado) e as características próprias dessas interações reveladas numa imagem. A metafunção textual, por sua vez, está nas diferentes formas de compor imagens e outros recursos, e de relacioná-los com o texto verbal.

Acredito que nesta proposta de pesquisa aqui relatada é válido considerar aspectos ideacionais, interpessoais e composicionais das imagens e *layouts* veiculados em anúncios de catálogos de editoras e nas quartas capas de livros didáticos de inglês, principalmente. Nestes textos de caráter publicitário, o elemento verbal é disposto em conjunto com elementos não-verbais, e ambas as modalidades de expressão contribuem para a construção de representações dos livros didáticos em questão. Isso também pode ocorrer em alguns textos de apresentação de livros didáticos nos manuais endereçados aos professores.

No caso das entrevistas orais gravadas para o trabalho de pesquisa aqui relatado, analiso apenas o seu conteúdo verbal, mas reconheço que gestos, por exemplo, são outra modalidade que compõe a expressão do entrevistado. Todavia, em termos metodológicos, gravar as entrevistas em vídeo para observação disso seria estender por demais este estudo.

Em se tratando de significados ideacionais, acredito que há, além do que é dito, a construção de representações de toda a coleção em que determinado volume aqui considerado se insere, incluindo outros recursos oferecidos para o trabalho com a coleção (por exemplo, CD de áudio, DVD, *websites*, livros com

¹⁹ Halliday (1985), in Kress & van Leeuwen (1996, p.2) *Grammar goes beyond formal rules of correctness. It is a means of representing patterns of experience ... It enables human beings to build a mental picture of reality, to make sense of their experience of what goes on around them and inside them.*

recursos extras para o professor). Na maioria das vezes, o material é exposto na página de modo a evidenciar os vários componentes da coleção didática²⁰.

Ao mesmo tempo, considero que são estabelecidas relações interpessoais entre os objetos (livro didático, seus componentes, etc) e os espectadores / leitores desses textos, desencadeando-se atitudes de objetividade e subjetividade.

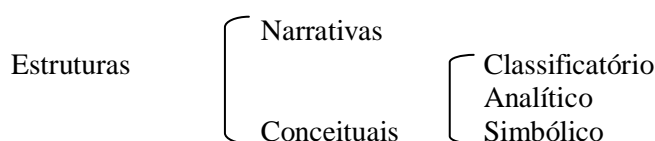
Aspectos composicionais, por sua vez, são evidentes, por exemplo, no que se refere à localização dos elementos verbal e não verbal na página, à interação estabelecida entre tais elementos, e à saliência conferida a determinados itens.

De maneira similar à proposta de Martin & Rose (2003 e Martin & Rose, 2007), e seguindo o modelo da Gramática Sistêmico-Funcional, Kress & van Leeuwen (1996), também Kress (2000), apresentam vários recursos de significação através de imagens para a construção de significados ideacionais, interpessoais e textuais, alguns dos quais são mencionados a seguir. Aqui, é importante o conhecimento das categorias de análise propostas pela Linguística Sistêmico-Funcional para o entendimento da classificação dos elementos e das regras propostas na Gramática do Design Visual, assim como para o entendimento da proposta de análise discursiva de Martin & Rose.

a. A construção de significados ideacionais

Os significados ideacionais podem ser construídos por estruturas visuais que evidenciam narrativas ou conceitos. Em se tratando de narrativas, mostram-se ações, eventos, arranjos circunstanciais, equivalendo aos processos materiais, mentais, comportamentais e verbais descritos na Linguística Sistêmico-Funcional. A expressão de conceitos, por sua vez, se faz através de participantes expostos de modo a evidenciar a classificação a eles pertinente, ou suas estruturas, ou o que simbolizam. Isto equivale aos processos relacional e existencial (Halliday, 1994; Halliday & Mathiessen, 2004). O esquema a seguir sintetiza isso.

Esquema 2: Tipos de estrutura visual. (Fonte: Kress & van Leeuwen, 1996, p.56)



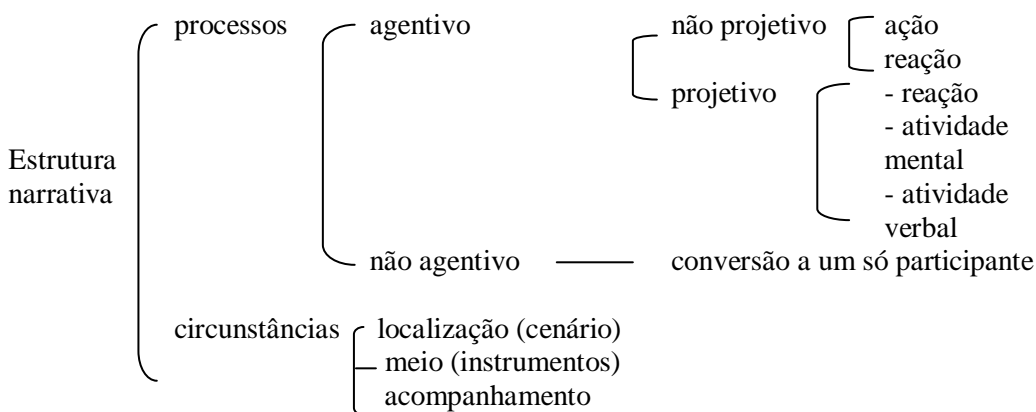
²⁰ Ver mais adiante a explicação sobre processos analíticos

Nesta tese, dedico-me à representação de livros didáticos de inglês, logo à construção de conceitos e construtos em torno de um objeto. Portanto, enfatizarei o *design* de construtos sociais (Kress & van Leeuwen, 1996, p.79) e apenas superficialmente apresento o *design* da ação social (narrativas).

Ao tratarem de **narrativas** através de imagens, Kress e van Leeuwen (1996) consideram que a produção de imagens apresenta uma conexão entre as ações e os participantes, a qual pode ser visualizada através de vetores traçados para se identificar eventos ou processos. Seria como se corpos, membros, ferramentas, elementos gráficos apontassem para uma direção, uma Meta, como os verbos de ação em um texto verbal.

De maneira sintética, as estruturas narrativas na comunicação visual são esquematizadas a seguir:

Esquema 3: Estruturas narrativas visuais (adaptado de Kress & van Leeuwen (1996, p.73))



O esquema 3 mostra que a construção de narrativas através de imagens envolve processos e circunstâncias. Os processos podem ser agentivos ou não agentivos, ou seja, envolver ou não um agente (Ator) a partir do qual pode ser desenhado um vetor que mostra a direção da ação. Em se tratando de processos agentivos, há uma ação (direcionada ou não para uma Meta) quando se mostra um movimento feito ou instigado pelo Ator, e uma reação existe quando há apenas movimentação do olhar de um dos participantes. Os processos projetivos são aqueles em que, através de uma ação mental ou verbal, há uma conexão entre os participantes (humanos) e o conteúdo do processo (um pensamento, uma fala, um sentimento), como, por exemplo, as representações em quadrinhos com uso de

balões. Já um processo não agentivo, por sua vez, implica uma cadeia, em que uma ação recebida por um participante é repassada a outro participante, como, por exemplo, esquemas de fenômenos naturais.

As circunstâncias são outros participantes que compõem uma narrativa: o cenário – localidade ou localização em que os processos acontecem; as ferramentas ou meios utilizados pelos participantes para que ações sejam feitas; e participantes que podem aparecer numa imagem sem exercer ação alguma, não havendo vetores imaginários direcionados a si ou a outro participante.

A figura a seguir é um exemplo de processo narrativo, retirada de um panfleto sobre a coleção *Framework* em forma de um “Menu”.

Figura 4: Exemplo de estrutura narrativa. Fonte: Panfleto da coleção *Framework* (s/d) Ed. Richmond.



Neste exemplo, é retratado um garçom que oferece chá ou café a alguém, como a editora que está oferecendo a coleção ao leitor, e duas ações mostram isso: o olhar direcionado a um outro que não aparece, e que também estabelece uma interação interna e o dedo apontando para o que está na bandeja sendo oferecido, situação que poderia mostrar um vetor direcionado ao que se oferece. Neste caso específico não há representação de circunstâncias, pois aparece apenas o garçom na parte inferior da página com fundo preto e borda cor-de-rosa.

O *design* de construtos sociais envolve a classificação dos participantes envolvidos numa imagem, a análise desses participantes, e ainda o significado

atribuído enquanto entidade apresentada. Os parágrafos seguintes mostram isso detalhadamente.

Os **processos de classificação** referem-se aos tipos dos participantes (pessoas, coisas, lugares) expostos na situação de comunicação. Pode haver simetria entre eles numa composição em que são postos a uma distância igual ou mais aproximada entre eles, com tamanhos mais ou menos semelhantes, todos dispostos num mesmo eixo (horizontal ou vertical). Neste caso, há pouca ou nenhuma profundidade, e uso de ângulo frontal. Esses aspectos denotam uma ausência de diferenciação entre os participantes, como se todos pertencessem a um mesmo grupo.

Por outro lado, pode haver uma disposição de modo a se mostrar uma hierarquização entre os participantes, como por exemplo, numa estrutura esquemática de árvore (vertical) em que os elementos são subordinados aos que são dispostos imediatamente acima.

Um exemplo de processo classificatório é apresentado a seguir:

Figura 5: Exemplo de processo classificatório. Fonte: *Oxford English Language Teaching Brazil Catalogue, 2008-2009, p. 23.*

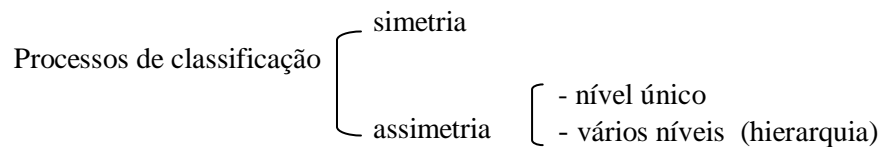


A imagem, extraída de um anúncio de catálogo, mostra um processo classificatório em que os dois volumes da coleção *New English File Multipacks* são dispostos de modo simétrico. Não há diferenciação entre os mesmos, ainda que sejam de níveis diferentes como esclarecido no texto verbal. Ambos os livros são mostrados com o mesmo tamanho, na mesma posição, com as mesmas cores.

A inversão da posição das cores preto e laranja nas capas sugere uma forma discreta de mostrar que são volumes / níveis diferentes.

Esquemáticamente, esses processos podem ser representados da seguinte maneira:

Esquema 4: Processos de classificação – design de construtos sociais (adaptado de Kress & van Leeuwen, 1996, p.88)



Os **processos analíticos** relacionam os participantes em termos da estruturação. Um participante Portador é, então, exposto de modo a serem enfatizados seus Atributos, de maneira semelhante aos processos relacionais atributivos possessivos (Halliday, 1994; Halliday & Mathiessen, 2004). Nestes casos, há uma seleção de algumas características ou partes mais relevantes de acordo com o contexto, o que contribui para mostrar a construção de representações.

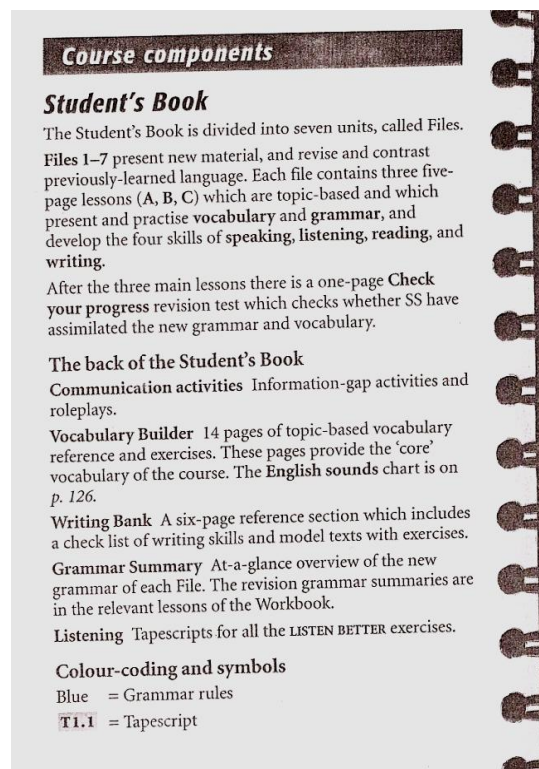
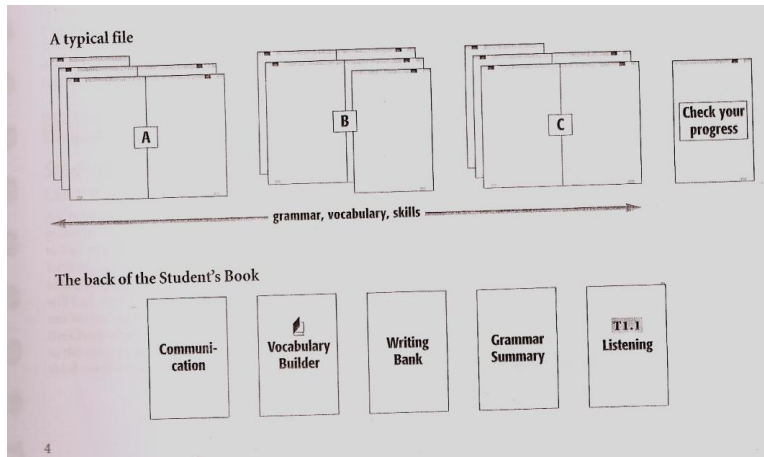
Estes processos podem ser do tipo não estruturado ou estruturado. Um processo não estruturado é aquele em que as partes são mostradas sem que o Portador seja mostrado em sua integridade, ou como as partes o compõem. Já os processos estruturados podem enfatizar uma organização dos atributos numa linha de tempo (processos estruturados temporais) ou enfatizar uma organização espacial em que todos os atributos são exaustivamente mostrados (processos analíticos exaustivos) ou há também aqueles em que apenas alguns atributos são selecionados para serem mostrados (processos analíticos inclusivos).

Segue um exemplo (figura 6) de processo analítico estruturado com o texto verbal que o acompanha em sua fonte. Neste exemplo, é utilizada uma estrutura analítica para mostrar os elementos do livro do aluno da coleção *English File*, rotulados e dispostos horizontalmente com setas.

Evidencia-se que há uma sequência de atividades e de conteúdos a ser seguida, e que foi considerada na concepção do livro didático em questão. Esta ilustração acompanha a explicação dos componentes no texto escrito, mostra claramente números de páginas que compõem os *Files*, a presença de uma página com atividades de revisão (*Progress Check*) após determinada quantidade de

lições, e ainda a sequência de conteúdo e atividades situadas na parte final do livro do aluno. Em suma, são mostradas as partes que compõem um todo.

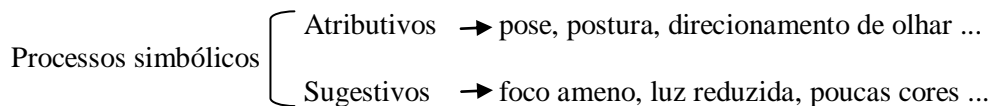
Figura 6: Exemplo de processo analítico. Fonte: OXEDEN, C., LATHAN-KOENIG, C., & HAMILTON, G. *English File Upper-Intermediate Teacher's Book*. Oxford: OUP, 2001/2002, p.4.



Os **processos simbólicos** referem-se ao que um participante simboliza ou o porquê de ele estar ali sendo mostrado. Estes processos podem ser de dois tipos: a) atributivo, quando há um Portador cuja identidade é estabelecida pela sua relação com seu Atributo simbólico muitas vezes mostrado pela pose, e

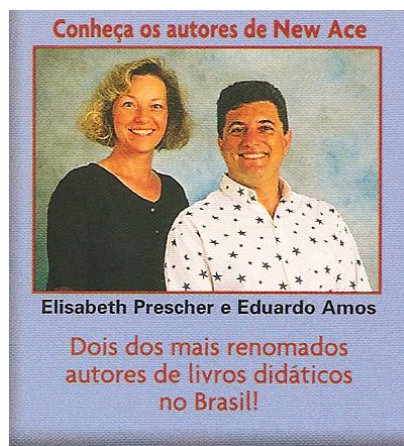
direcionamento do olhar ao espectador; b) sugestivo, em que há apenas um participante Portador cujo significado simbólico se revela pela sua própria presença, não havendo ênfase nas partes que o compõem e portanto não podendo ser interpretado como processo analítico. Abaixo mostro essa divisão:

Esquema 5: Processos simbólicos: design de construtos sociais (adaptado de Kress & van Leeuwen, 1996, p.108)



Segue um exemplo retirado da quarta capa do livro *New Ace 1*:

Figura 7: Exemplo de processo simbólico. Fonte: Quarta Capa do Livro *New Ace 1*, Teacher's Edition, Ed. Longman.



Neste caso, são mostrados os autores da coleção, indicando-se quem e como são, evidenciando pose e direcionamento do olhar e de sorriso ao espectador. O texto verbal que acompanha a foto não apenas chama o leitor a conhecê-los, como ainda reforça seus atributos: dos mais renomados autores brasileiros.

b. A construção de significados interpessoais

Com base nos conceitos da Linguística Sistêmico-Funcional acerca da metafunção interpessoal da linguagem, Kress e van Leeuwen (1996) afirmam que a leitura de imagens envolve as relações entre os participantes. Estes são as

peças, os lugares, e coisas mostrados nas imagens, e as pessoas que se comunicam através das imagens – o produtor e o espectador.

Para os autores, as formas como as interações e as relações sociais são codificadas definem como ocorre o endereçamento por parte do produtor da imagem ao seu espectador. Assim, pode-se compreender como as imagens revelam as interações e as relações sociais.

Adiante, apresento uma síntese dos elementos que podem estabelecer as relações interpessoais entre o espectador e o que é mostrado, segundo a Gramática do Design Visual. Os termos utilizados pelos autores se assemelham aos utilizados na Gramática Sistemico-Funcional, e já mencionados anteriormente.

Segundo Kress e van Leeuwen (1996), as relações interpessoais podem acontecer através de um contato estabelecido pelo olhar de quem é mostrado numa foto, por exemplo, em direção ao espectador. Este olhar pode encerrar uma demanda, conforme fazem os autores da coleção *New Ace* na foto da quarta capa de um dos livros da coleção (Figura 7). O não direcionamento a um espectador pode ser uma oferta. Neste caso, de maneira impessoal, trata-se da veiculação de uma informação e/ou uma contemplação. A figura 4 é exemplo da oferta de informação de alguém (editor, autor ou a firma editorial) representado por um garçom que oferece a obra didática *Framework* como se oferece chá ou café.

Outro fator que estabelece uma relação interpessoal é a distância social - mais ou menos intimidade - estabelecida pela tomada de enquadramento. *Close shot* ou tomada curta mostra apenas o rosto e a cabeça de uma pessoa, por exemplo, e estabelece maior intimidade. Um caráter social menos íntimo ocorre através de *medium shot*, ou tomada média, aparecendo metade do corpo, ou corpo inteiro sem ênfase do espaço em volta (ver, por exemplo, foto dos autores da coleção *New Ace*). Ainda, uma relação impessoal ocorre por meio de *long shot* ou tomada distante, mostrando-se toda a figura com espaço em volta.

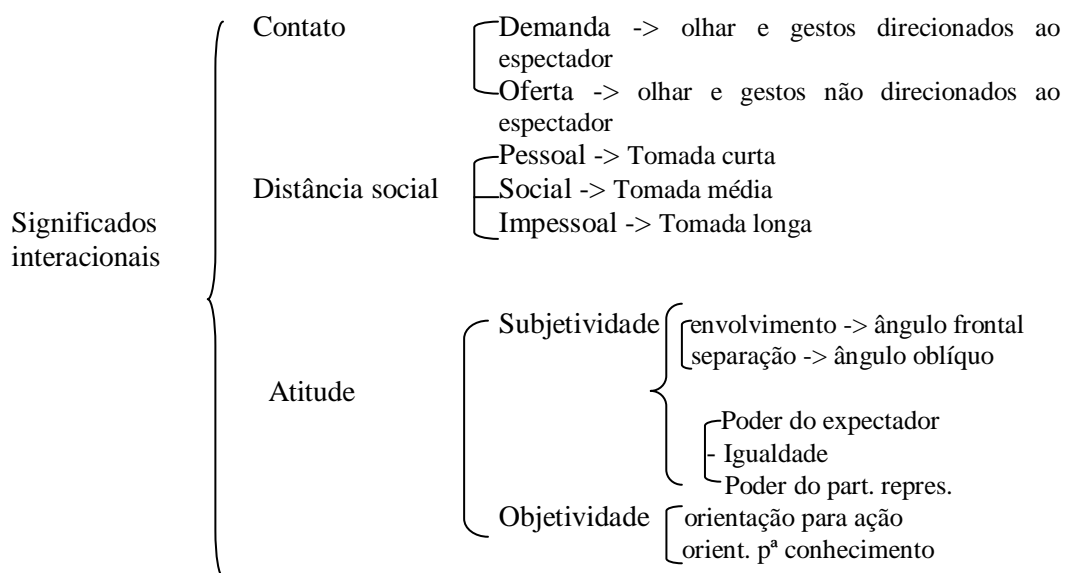
Por fim, a expressão por imagem também pode revelar uma atitude com caráter subjetivo ou objetivo. Subjetividade é revelada num maior ou menor envolvimento entre os participantes. O que se vê pode ser parte do mundo no qual se está envolvido, como na foto dos autores da coleção *New Ace* (figura 7), em que acontece um envolvimento direto entre os autores apresentados e o espectador. Isso denota proximidade entre autores da obra didática e professor leitor. Já o ângulo oblíquo pode indicar que o que se vê é o mundo que se

apresenta, no qual não se está envolvido. A objetividade implica uma ênfase à ação em si, como a ação do garçom da figura 4 que oferece algo, ou ênfase no conhecimento, como pode ser visto, por exemplo, com relação aos livros *New English File Multipack* (figura 5), expostos para serem conhecidos pelo professor leitor do anúncio de catálogo.

Também há a possibilidade de se estabelecer relação de poder. O participante mostrado tem poder sobre o espectador quando se usa ângulo alto. Há uma igualdade ao se usar ângulo reto, no nível do olhar (por exemplo, figura7). Ainda, o participante mostrado pode exercer poder sobre o espectador se há uso de ângulo baixo.

Uma apresentação gráfica de todo o sistema seria:

Esquema 6: Significados interacionais em imagens (adaptado de Kress & van Leeuwen, 1996, p. 154)



Da mesma forma que Halliday (1994) e Thompson (1996), os autores da Gramática do Design Visual consideram o sistema de modalidade um indicador do grau de verdade / certeza que se dá àquilo que se diz. Assim, considera-se a existência desse indicador na comunicação por imagens, ao se dizer que aquilo que se mostra está mais ou menos próximo do “real”, e ainda pode ser mostrado de maneira mais ou menos subjetiva ou mais ou menos objetiva.

c. A construção de significados textuais: a composição

A composição de textos multimodais, conforme é considerado neste estudo, acontece de modo a se estabelecer uma relação entre os elementos ideacionais e interpessoais dependendo de como são dispostos, e integrados num todo significativo. Conforme mencionei, significados são realizados por mais de um código semiótico, como por exemplo, os anúncios de catálogos de editoras e os textos de quarta capa que compõem o *corpus* desta pesquisa. Em textos desses gêneros, há informações verbais e imagens dos livros didáticos / coleções e de seus diferentes componentes, e também o uso de linhas, enquadramentos, ordenação de elementos verbais ou não verbais na página, cores, realces.

De acordo com Kress e van Leeuwen (1996), a composição está fundamentada em três princípios básicos:

- valor da informação: a localização dos elementos denota valores ligados às zonas da imagem, dependendo de sua disposição: no centro ou na margem do texto, à esquerda ou à direita, na parte superior ou na parte inferior;
- saliência: a disposição dos elementos de modo a atrair a atenção do espectador, sendo posicionados em primeiro plano ou em segundo plano, enfatizados pelo tamanho, contraste de tons e cores, etc;
- enquadramento: a presença ou ausência de recursos de enquadramento desconecta ou conecta os elementos do todo, significando que pertencem ou não ao mesmo grupo.

A noção de valor da informação leva em conta as ideias sobre o sistema Tema-Rema (Halliday, 1994; Halliday & Mathiessen, 2004) da mesma forma que a ideia de Tema–Novo de Martin & Rose (2003, também Martin & Rose, 2007). Assim, os significados são veiculados dependendo de uma polarização em sentido horizontal, ou em sentido vertical. Se os elementos são dispostos horizontalmente, o que é posto à esquerda é considerado Dado, ou seja, aquilo que já se conhece, é parte da cultura, auto-evidente. Em oposição, o elemento da direita é considerado Novo, aquilo que ainda não se conhece, e requer mais atenção, podendo ser um elemento problemático e passível de contestação. Em caso de posicionamento vertical, o elemento posicionado no topo da página é o Ideal, isto é, aquilo que se

pretende, o que deve ser, o mais salientado, enquanto o elemento Real é a informação prática, factual e menos saliente, posicionado na parte inferior.

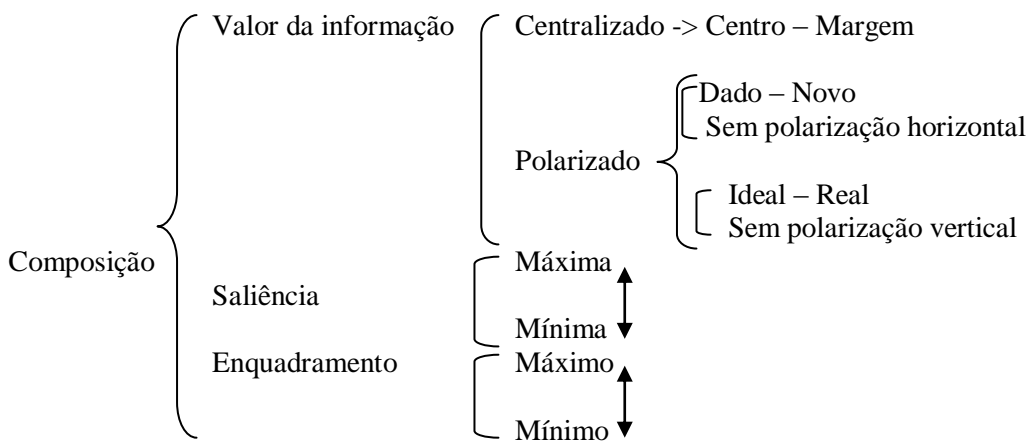
Também há a possibilidade, embora menor na sociedade ocidental atual, de se posicionar elementos ao Centro e à Margem. O elemento posto ao Centro tem um caráter de permanência, é o núcleo da informação ou o mais simbólico, e o elemento colocado à Margem é mais dependente do Centro, e normalmente ocorre com outros similares ou repetidos (Kress & van Leeuwen, 1996).

Quanto à saliência, esta pode ocorrer em diferentes graus, caracterizando uma hierarquia de importância, e vários fatores podem realçar ou não a saliência de um elemento, tais como, cor, tom, tamanho, perspectiva, fatores culturais.

O enquadramento também acontece em diferentes graus. Uma desconexão máxima, isto é, mais separação entre os elementos, é realizada pela maior presença de recursos de enquadramento. Em oposição, uma desconexão mínima ocorre com a ausência de recursos de enquadramento, havendo menos ou nenhuma separação entre os elementos.

Os vários pontos aqui mencionados são esquematizados a seguir:

Esquema 7: Significados textuais em imagens e textos multimodais (adaptado de Kress & van Leeuwen, 1996, p. 223)



Um exemplo do que foi dito até então é a quarta capa do livro *New Ace*, reproduzida no anexo H.

Nesta quarta capa, o livro é apresentado para ser comprado e usado, trazendo novidades, ou sendo a novidade. Dentro deste texto principal salientado em azul, há saliência conferida ao nome da coleção, com fonte grande, em cor diferente, posto logo em primeiro plano, ao centro e na parte superior. Juntamente com o texto de apresentação, em que se diz que esta edição é melhor que a

anterior que já era boa, e o nome dos autores, o título da coleção está posto como Ideal, aquilo que se oferece e se caracteriza como melhor. Na metade inferior do texto, em posição de Real, está aquilo que pode ser encontrado na obra didática anunciada, os componentes cuja existência os editores parecem apresentar como inquestionável, e ainda a foto dos autores, apresentados como seres reais, e renomados. Há recursos de enquadramento de modo a tornar as informações bem separadas para facilitar a leitura.

2.9. Considerações finais do capítulo

Neste capítulo, apresentei os conceitos da Linguística Sistêmico-Funcional, teoria esta que adota uma visão sociossemiótica da linguagem. Segundo os adeptos desta teoria, a função primeira da linguagem humana é a construção de significados ideacionais, interpessoais e textuais, os quais são produzidos de acordo com o contexto de registro e contexto de cultura. O texto é considerado uma unidade de significado, exemplar de um gênero discursivo, isto é de uma ação social orientada a objetivos comunicativos, cuja existência está atrelada a uma cultura e às atividades sociais ali existentes. Como diz Neves (2004, p.75) este é um “modelo altamente elaborado, no qual as diversas noções se sustentam mutuamente, evitando vazios na proposição – que é básica - do modo como o significado se codifica nos enunciados efetivos”. Esta teoria embasa um modelo de gramática que leva em conta os sistemas de significação ideacional, interpessoal e textual no nível oracional, abaixo, acima e além dela.

A Linguística Sistêmico-Funcional tem fundamentado abordagens de estudo do discurso, considerando-o prática social (Magalhães, 2006). Trabalhos dessa natureza, segundo Halliday (in Collins & Thompson, 2001), envolvem a análise linguística de maneira crítica, numa perspectiva política, e é preciso entender também o poder da linguagem. Mais ainda, nesta perspectiva, as análises discursivas não podem desconsiderar aspectos gramaticais (Halliday, 1994), não se restringindo, portanto, a comentários de textos.

Neste sentido, duas propostas de análise discursiva com base na Linguística Sistêmico-Funcional são apresentas nesta tese: a proposta de análise além do nível da sentença de Martin & Rose (2003 e Martin & Rose, 2007), e a Gramática do Design Visual (Kress & van Leeuwen, 1996). Ambas, ao abordarem o discurso,

configuram-se como ampliação da Gramática Sistêmico-Funcional (Halliday, 1994; Halliday & Mathiessen, 2004), a qual prioriza a léxico-gramática e o nível oracional de uso da língua. Estas propostas também se assemelham por apresentarem sistemas de recursos de significação com categorias (ferramentas) de análise semântico-discursiva, as quais permitem um trabalho metodologicamente uniforme com vários textos. Ambas as propostas também consideram que um texto existe como integrante de uma dada cultura e, portanto, com base nesta deve ser estudado.

Essas propostas são utilizadas para análise dos textos que compõem o *corpus* de pesquisa desta tese de maneira complementar. A proposta de Kress & van Leeuwen (1996) é usada para a análise de elementos não verbais presentes em anúncios de catálogos de editoras e quartas capas de livros didáticos, e às vezes, em apresentações do livro em manuais do professor. A proposta de Martin & Rose (2003 e Martin & Rose, 2007), por sua vez, é utilizada para análise dos elementos verbais em todos os gêneros aqui tratados: anúncios, quartas capas, apresentação de manuais de professores, entrevistas, e questionários. O foco é no estrato semântico-discursivo, nas escolhas linguísticas e de recursos não verbais de acordo com o contexto de registro e de cultura em que estes textos são produzidos. Não desconsidero, contudo, elementos da léxico-gramática nas análises, acreditando que há importância de se contemplar certos aspectos expostos por Halliday (1994) e Halliday & Mathiessen (2004), nem sempre considerados em análises dessa natureza, como por exemplo, a importância da função de sujeito da oração, em termos interpessoais, já que o sujeito é o responsável pela proposição.

Esta forma de análise discursiva do material que compõe o *corpus* permite-me identificar as representações construídas sobre o livro didático de inglês pelos atores sociais responsáveis pela sua produção, e utilização através da linguagem utilizada em gêneros discursivos distintos. Portanto, a utilização, nesta tese, da Linguística Sistêmico-Funcional é justificada pela proposta de se analisar textos na perspectiva de abordagens discursivas que se preocupam com o contexto, entendendo que a realidade é socialmente construída pelo uso da linguagem, e portanto as representações, conhecimentos que contribuem para a construção dessa realidade.

A seguir, então, proponho-me a esclarecer o que entendo por representações, tendo em mente a visão de construção social da realidade.